

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MICHELINE COSTA DE MENESES

**CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO
BÁSICA E A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM
DO PROCESSO DE ENSINO**

João Pessoa – PB
2014

MICHELINE COSTA DE MENESES

**CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A
FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO DE
ENSINO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

**Área de Concentração: Cotidiano Escolar Práticas
Pedagógicas**

Orientadora: Ms. Rosilene Agapito da Silva Llarena

João Pessoa – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M543c Meneses, Micheline Costa de
Construção do saber geográfico na educação básica e a formação de cidadãos: uma abordagem do processo de ensino [manuscrito] : / Micheline Costa de Meneses. - 2014.
84 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Rosilene Agapito da Silva Llerena, Departamento de Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa (UEPB-SEE/PB)".

1. Práticas Pedagógicas. 2. Espaço Geográfico. 3. Cidadania. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

**CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A
FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO DE
ENSINO**

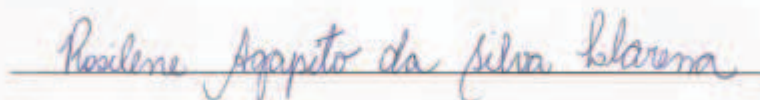
MICHELINE COSTA DE MENESES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Especialista em
Educação.

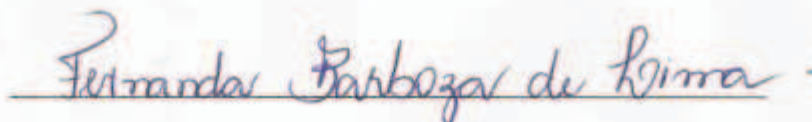
Área de Concentração: Cotidiano Escolar Práticas
Pedagógicas

Aprovada em: 30/08/2014

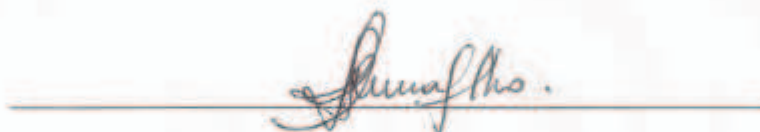
Banca Examinadora:



Rosilene Agapito da Silva Llerena
Orientadora



Prof. Dr. Fernanda Barboza de Lima
Examinadora



Prof. Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho
Examinador

Dedico esta monografia a Deus, meu pai e Senhor, no qual devo minha existência e ter me dado saúde e sabedoria para concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica. Aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio, paciência e pela compreensão às horas dedicadas a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pelo seu cuidado e amor de Pai, por me ajudar e fortalecer em todos os momentos de minha vida e por sempre me guiar, tanto nos momentos difíceis, como nas alegrias e conquistas. Obrigada Senhor por mais esta oportunidade de aprendizado e crescimento acadêmico e profissional!

A minha família, meu porto seguro, no qual posso sempre contar, em qualquer momento ou circunstância, com seu apoio, ajuda e incentivo.

A professora orientadora Rosilene Agapito da Silva Llarena, onde desde os primeiros contatos na ministração da sua disciplina mostrou-se exemplo de profissional, dedicada, atenciosa, incentivadora do pensar e busca de novos saberes. Como orientadora não foi diferente, por isso agradeço seu apoio, seus ensinamentos, atenção, orientações, incentivos e sugestões para continuidade deste trabalho por meio de outras formações acadêmicas.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, grandes colaboradores e incentivadores do pensar sobre educação e das práticas pedagógicas não só do educador, mas de todos os que compõem o corpo escolar, visando sermos agentes de crescimento e transformação para uma educação de qualidade.

Aos colegas de classe, em especial Maria Dilma Coqueijo, Maria Eliane de Souza, Marcelo Nunes, pelos momentos de amizade e troca de experiências, por tudo que vivemos e aprendemos.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

“A leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos desenvolver a nossa cidadania. Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, qual traz em si todas as marcas da vida dos homens.”

(Hellena Callai)

RESUMO

MENESES, Micheline Costa de. **Construção do saber geográfico na educação básica e a formação de cidadãos: uma abordagem do processo de ensino.** João Pessoa, 2014. 84f. Monografia de Especialização – Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2014.

O ensino da Geografia na Educação Básica Brasileira deve ser um meio de despertar dos educandos para a importância de construir um olhar mais atento às transformações que ocorrem no espaço e, com isto, contribuir para a formação cidadã crítica e participativa desses na sociedade. Para isso, o presente estudo teve como objetivo principal trazer uma reflexão teórica sobre práticas pedagógicas dos professores de geografia e, se essas têm contribuído com a preparação cidadã dos educandos. Para alcance do objetivo proposto foi feito um estudo comparativo, do ensino público e privado, por meio da aplicação de questionário com educadores e educandos. Após análise dos resultados, traçou-se o perfil dos educadores geógrafos e educandos, especificando a visão e a prática dos educadores sobre seu próprio entendimento da importância do saber geográfico, sua aplicação no processo de ensino-aprendizagem e como vem se refletindo nos educandos do Ensino Básico. Encerra-se com apresentação de estratégias eficazes que ajudem a reverter os pensamentos e ações equivocadas.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Espaço Geográfico. Cidadania.

ABSTRACT

MENESES, Micheline Costa de. Construction of geographic knowledge in basic education and training of citizens: an approach to the teaching process. João Pessoa, 2014 84f. Monograph Specialization - Specialization Course Foundations of Education: interdisciplinary teaching practices, State University of Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2014.

The Geography teaching in Brazilian Primary School must be a way to arouse the students interest on the importance to build a more interested view of the transformations in the space, and then to contribute to the critic citizen formation and their participation in society. For that, the main goal of this concerned research is to bring a theoretical reflection about the pedagogy practices of geography teachers and how they have contributed to the student's preparation. To reach this goal, it was made a comparative study, between public and private teaching, with a questionnaire application to teachers and students. After results analysis, it was drawn the profile from geographers and students, indicating the teacher's view and practices about their own comprehension on geography knowledge importance and its application in the teaching-learning process, also how this has been reflected in the Primary School. Finally this research presents effective strategies that help to revert misunderstanding ideas and actions.

Key-words: Pedagogyc Practices. Geographic Space. Citizenship.

LISTA DE ABREVIATURAS E / OU SIGLAS

CPDAC	Centro Profissionalizante Deputado Antônio Cabral
IENSC	Instituto Educacional Nossa Senhora da Conceição
IPI	Instituto Paraibano Infante-Juvenil
LDB	Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional
CFE	Conselho Federal de Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.
PEC	Proposta de Emenda a Constituição
PRODEB	Programa de Equalização das Oportunidades de Acesso à Educação Básica
PNLEM	Programa Nacional do Livro do Ensino Médio
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada dos blocos 2 e 3 - CPDAC

Figura 2 – Vista da entrada principal do CPDAC

Figura 3 – Vista do ginásio esportivo do CPDAC

Figura 4 – Vista da ocupação de todo o quarteirão

Figura 5 – Fachada da entrada da escola IENSC

Figura 6 – Fachada lateral do prédio

Figura 7 – Fachada da frente da escola IPI

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição da grade curricular do ensino da geografia na Educação Básica.

Tabela 2 – Perguntas e respostas dos educadores sobre o questionário de pesquisa.

Tabela 3 – Perguntas e respostas dos educandos sobre o questionário de pesquisa aplicado.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS	
LISTA DE ILUSTRAÇÕES (figuras, tabelas)	
1	INTRODUÇÃO..... 13
1.1	Problemática..... 16
1.2	Justificativa..... 17
1.3	Objetivos..... 18
2	TRAÇADOS METODOLÓGICOS..... 20
2.1	Tipologia da pesquisa..... 20
2.2	Universo e amostra da pesquisa..... 21
2.3	Coleta de dados e detalhamento..... 23
3	O SABER GEOGRÁFICO: MÚLTIPLOS OLHARES..... 26
3.1	Discussões e conceitos sobre geografia..... 27
3.1.1	Geografia tradicional..... 35
3.1.2	Geografia crítica..... 37
3.1.3	Geografia contemporânea..... 39
3.2	Aspectos históricos da Geografia no Ensino Básico no Brasil..... 41
3.3	Aspectos legais do Ensino de Geografia no Ensino Básico: firmando os saberes geográficos..... 46
4	PRÁTICAS COTIDIANAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO..... 49
4.1	Currículo e metodologia de geografia no Ensino Básico..... 51
4.2	Olhar sobre os desafios docentes..... 55
5	UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS SABERES GEOGRÁFICOS: ESCOLA CENTRO PROFISSIONALIZANTE DEPUTADO ANTÔNIO CABRAL VERSUS ESCOLAS INSTITUTO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E INSTITUTO INFANTO JUVENIL..... 58
5.1	Resultados da pesquisa..... 58
5.1.1	Questionário com educadores..... 61
5.1.2	Questionário com educandos..... 63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 69
	REFERÊNCIAS..... 71
	APÊNDICES..... 77
	APÊNDICE A - Questionário de pesquisa aplicado aos professores..... 78
	APÊNDICE B - Questionário de pesquisa aplicado aos alunos..... 80
	ANEXO..... 82
	ANEXO I – Representação fotográfica das escolas objeto de estudo desta pesquisa..... 83

1 INTRODUÇÃO

É função primordial da escola a formação de cidadãos críticos, reflexivos, conscientes dos seus direitos e deveres, éticos, capazes de compreender a realidade em que vivem e preparados ou mesmo que tenham um direcionamento para participar e contribuir com a vida econômica, social e política do país para formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma a escola estará mostrando o caminho para a construção constante do conhecimento com habilidade e valores necessários a um cidadão participativo, atento e consciente de seus atos e pensamentos.

É importante destacar do processo de construção do saber, por meio da aprendizagem, que o educando cidadão deve ser motivado a fazer as leituras do meio, principalmente nesta sociedade pós-moderna globalizada de rápidas e intensas transformações. Mesmo as sociedades que tentam preservar sua estrutura interna das influências mundiais, suas identidades também são formadas pelas relações, mesmo que seja de natureza local, sendo estes contextos a serem enxergados e interpretados.

Assim, o ensino não pode ser fragmentado, dissociado da realidade. A escola deve acompanhar as mudanças preparando o educando para a vida, para saber comportar-se frente a todos esses processos entendendo, acompanhando e participando.

Contudo, quando se pensa em educação básica, vem logo a concepção que esta não está cumprindo seu papel. Muitas escolas não têm acompanhado as necessidades do século XXI. Suas estruturas e práticas são consideradas obsoletas ou de motivações equivocadas. O que se tem visto são escolas visando apenas o lucro, a divulgação de seu nome por meio da aprovação de seus alunos em concursos como de vestibulares e ENEM. Os profissionais das escolas públicas e até privadas desmotivando-se frente aos problemas sociais, educacionais como, por exemplo: aumento da violência, desigualdade social, desestrutura das famílias do educando, baixos salários entre outros. Deste modo, essas questões são trazidas para a escola que, sem saber lidar com as mesmas, tem tido como resultados educadores e educando sem compromissos com o processo de ensino aprendizagem, onde os professores fingem que dão aulas e os alunos fingem que aprendem.

No verdadeiro processo de ensino aprendizagem, os alunos são motivados a convivência social, a troca de experiências com condutas éticas e moral dentro e fora da escola, assim como a desenvolverem seu potencial crítico e criativo, possibilitando-os exercitar a dúvida, o levantamento do(s) problema(s), suas causas e possíveis soluções, a

compreender a sua realidade e como sujeito estará num processo de construção de sua identidade como cidadão. Desta forma, a geografia tem muito a contribuir com esse papel na educação básica, ou seja, proporcionar aos alunos a apreensão crítica da sua realidade, compreendendo os processos que levam as construções, transformações e relações sociais.

Por isto, este estudo tem por objetivo fazer uma reflexão teórica sobre práticas pedagógicas dos professores de geografia da educação básica e se esta tem contribuído para preparação do educando para desenvolver uma cidadania plena com consciência social crítica e participativa.

Para tanto, se buscará comparar o processo de ensino-aprendizagem em uma escola pública e duas escolas privadas, assim como a percepção do educando, da importância e relação com a sua vida em sociedade, dos conteúdos trabalhados averiguando as motivações no processo de construção do saber geográfico e no caso de motivações equivocadas, apresentar estratégias eficazes que ajudem a reverter os pensamentos e ações. Além disso, se buscará levantar as dificuldades enfrentadas pelos professores na contribuição para formação de cidadãos e por fim, fazer a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa.

Será também necessário refletir numa perspectiva de uma abordagem mais ampla em que não há como se isolar o importante papel da geografia, da ação e contribuição de todos que compõem a escola.

A escola deve ser uma instituição que educa e prepara o aluno para o exercício democrático, com formação de condutas éticas e moral necessária ao convívio em sociedade, além de consciência participativa e crítica dos seus direitos e deveres como cidadão. Assim, a educação para a cidadania e para a vida em uma sociedade democrática vai além do conhecimento de leis e regras, mas visa formar pessoas que aprendam a participar da vida coletiva de forma consciente, buscando o seu bem-estar e do outro.

A Geografia tende a dar grande contribuição no entendimento desse espaço social criado pelos seres humanos, a partir de transformações do espaço original natural, por um espaço dinâmico, formado pelas relações entre os homens e esses com o meio no qual está inserido. Portanto, é o espaço construído das experimentações histórico/culturais complexas, pelas relações de poder, não sendo um processo estagnado, mas dinâmico e que acompanha as transformações do espaço/tempo de forma global. A geografia tem adquirido e acrescentado aos novos processos sociais visões conforme os novos aprendizados, quebra de paradigmas, conhecimentos adquiridos e aperfeiçoados em cada época.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10).

O autor ainda enfatiza que:

seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial. (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

A partir desse entendimento, o educando já no ensino fundamental deve compreender e desenvolver uma análise crítica da sua realidade. Entendendo seu papel como cidadão, como agente de transformação do meio com responsabilidades, de modo a não ser massa de manobra daqueles que detém o saber.

O ensino geográfico proporciona este despertar por estudar o espaço geográfico por meio da abordagem das suas principais categorias (lugar, paisagem, território, região), com todos os seus sujeitos inter-relacionados, em constante evolução, formando um sistema complexo e dinâmico.

Segundo Alves (2009, p. 50)

a ciência geográfica possui um amplo potencial em seus campos epistemológicos que até então não foram explorados completamente e adequadamente. Seus conceitos - como o espaço geográfico, lugar, território, região, entre outros - estão em constante evolução, inter-relacionados e envolvidos diretamente com o sistema vigente.

Para Vesentini (2009, p. 79),

mais do que nunca, existe uma imperiosa necessidade de se conhecer de forma inteligente (não decorando informações e, sim, compreendendo os processos, as dinâmicas, os potenciais de mudanças, as possibilidades de intervenção) o mundo em que vivemos, desde a escala local até a global, passando pela nacional e pelas demais escalas intermediárias. Isso, afinal de contas, é ou deveria ser ensino de geografia.

O sujeito aluno deve entender esse espaço vital, suas relações e entender a si mesmo. Deve fazer a leitura das relações e transformações sociais ocasionadas por um processo histórico cultural, político, econômico, social e religioso. É o despertar neles o desejo de busca constante de novas informações, de novos saberes. Nesse processo entra a importância

do educador. O professor assume um relevante papel por meio das suas práticas didático-pedagógicas, para construção e desenvolvimento deste saber geográfico no educando.

Alcançar o esclarecimento é ter capacidade de agir autonomamente, percebendo que a educação é o que provoca a evolução do homem. Desta forma, a educação seria responsável por conduzir o aluno ao esclarecimento. (KANT EM VAZ, 1999 apud SOUTO, 2013, p. 3).

Mas, o que vem se percebendo na prática de sala de aula, é o desinteresse, ou a motivação equivocada tanto de educadores como de educando quanto à construção do saber geográfico e sua aplicação como cidadãos.

Para entender a importância da ciência geográfica na apreensão crítica das transformações do espaço, como ela vem sendo trabalhada no processo de ensino-aprendizagem como disciplina, assim como sua aplicação prática na vida do educando, será feito um estudo de caso comparativo entre uma escola da rede pública e outras duas da rede particular de ensino e se estruturará esta pesquisa em duas partes. Na primeira, uma abordagem sobre o saber geográfico, com seus conceitos, aspectos históricos e sua aplicação no ensino básico. Seguindo com as práticas de ensino, currículo e os desafios do docente e o saber geográfico atrelado à formação cidadã. Na segunda, análise dos dados dos questionários aplicados, com abordagens das dificuldades apresentadas pelos professores e visões dos alunos do processo de ensino-aprendizagem. Nesse mesmo processo, será feito também considerações a partir das pesquisas bibliográficas e da aplicação dos questionários, e sugestões de estratégias eficazes que ajudem no processo de contribuição para formação de alunos cidadãos críticos, participativos, éticos, ser social, com contribuições à melhoria do processo ensino-aprendizagem da disciplina de geografia.

1.1 Problemática

Tido o exposto, algumas questões nortearam a pesquisa: será que as práticas dos docentes têm contribuído para esse desinteresse e lacuna na formação de cidadãos participativos e críticos? Qual tem sido o incentivo da escola nesta formação? Quais os principais obstáculos enfrentados pelos educadores? Os educandos são motivados na

construção do saber a partir de conhecimentos prévios, ou são apenas receptores do que é passado, tendo o educador como centro na transmissão do saber?

Tais questões norteadoras nos levaram à problemática central: **Como a construção do saber geográfico pode contribuir para a formação cidadã de alunos do ensino básico?**

1.2 Justificativa

Esta pesquisa se justifica por dois motivos. O primeiro é o entendimento de que a construção do saber geográfico no ensino básico deve permitir ao educando uma apreensão crítica da realidade, como forma de contribuir para formação de cidadãos atuantes que sabem ler as relações e transformações sociais. Para isso, é importante promover o desenvolvimento do aluno como colaborador na produção do conhecimento para não serem apenas um receptor.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (FREIRE, 2005, p. 33).

O aluno como colaborador deve integrar na sala de aula suas vivências e agregá-las ao ensino do professor. Sendo assim, o aluno acrescenta aos saberes geográficos os seus conhecimentos prévios. No livro "A importância do ato de ler" Paulo Freire (1989) trabalhou a relação entre leitura do mundo e leitura da palavra. Na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura em Campinas nos mostra que a leitura do mundo precede a palavra.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo. (FREIRE, 1989 apud BECKER, 2008, p.72).

O segundo motivo é o entendimento de que cabe ao educador assumir o importante e até imprescindível papel que é contribuir para formação de cidadãos que produzam o seu conhecimento, os use além da sala de aula e os tome para sua vida. Por isso, acreditamos que

esta pesquisa poderá contribuir com nossa prática pessoal enquanto educadores para efetivar tal papel da formação do cidadão atuante.

Não há nada mais gratificante para um educador do que poder contribuir para que seu educando desperte, entenda e produza cientificamente o saber indo além do senso comum. E como “conhecimento é poder”, nesta era pós-moderna em que estamos inseridos de expansão da informação, acesso as tecnologias, entre elas a internet, até pelas camadas sociais de menor poder aquisitivo, não há mais espaço para aceitar as desigualdades sociais e manipulações do poder. Mas a busca incessante pelo saber deve ser estimulada no educando para que estes sejam cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender a realidade em que vivem preparados para participar da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, sustentável. Que sejam cidadãos a entender que em meio às transformações do espaço geográfico usem do saber não só para proveito pessoal, mas para o bem-estar pessoal e coletivo. E esta é uma visão que pode ser multiplicada pelo próprio educando no seu meio social e que vale para toda uma vida.

Assim este preparo de cidadãos é uma missão da escola com todos os seus campos do saber, em um processo interdisciplinar. Contudo, cabe à geografia trabalhar no despertar do educando para as análises críticas das relações entre os homens e estes com o meio ambiente, num processo de contribuição para formação de cidadãos críticos e participativos.

Escolhemos trabalhar esta temática no intuito de verificar se de fato, no âmbito público e privado, os professores geógrafos estão cumprindo seu papel e os alunos estão construindo seu conhecimento e amadurecendo no processo de busca do saber e assim preparados gradativamente para o exercício da cidadania.

1.3 Objetivos

➤ Geral

Analisar criticamente as práticas pedagógicas do ensino de geografia no ensino básico no tocante a três escolas (uma pública e duas particulares) na cidade de João Pessoa.

➤ Específicos

- ✓ Refletir teoricamente sobre práticas pedagógicas dos professores de geografia da educação básica e sua contribuição para preparação do educando para a cidadania plena com consciência social crítica e participativa;
- ✓ Estabelecer comparações didático-pedagógicas referentes ao ensino de geografia entre as escolas pública e privada estudadas;
- ✓ Diagnosticar a percepção dos alunos em relação à importância dos conteúdos trabalhados em sala de aula na aplicação desses saberes na sua vida como cidadão;
- ✓ Averiguar as motivações do aluno na aprendizagem da geografia.

2 TRACADOS METODOLÓGICOS

Como toda pesquisa científica se caracteriza pela utilização de métodos científicos, para se chegar a determinado resultado, abaixo se especificará os métodos a serem trabalhados, possibilitando a análise e obtenção do resultado satisfatório para o problema investigado em questão.

2.1 Tipologia da pesquisa

Para alcance dos objetivos propostos será feito uma pesquisa do ponto de vista da forma de abordagem do problema, *qualitativa* por considerar a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito. Segundo Chizzotti (2003, p. 2)

a pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivados do positivismo, da fenomenologia, hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

Esta pesquisa é de caráter *exploratório e descritivo, utilizando-se do estudo comparativo*. É exploratória por proporcionar familiaridade com o problema pelo levantamento bibliográfico e estudos de caso e permitir a interpretação dos resultados para atribuição de significados. De acordo com Silva (2001, p. 21) pesquisa exploratória é uma pesquisa que “visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

Caracteriza-se como descritiva por descrever as práticas pedagógicas em geografia de educadores e educando das escolas propostas, sendo uma pública e outras duas privadas. Com isso, a partir do material coletado, foi realizada uma análise descritiva e considerações comparativas entre os resultados.

Foi feita também pesquisa bibliográfica para embasamento científico, conforme orienta Silva (2001, p. 21), “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet”; e por meio de questionário, “série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”. (SILVA, 2001, p. 33).

2.2 Universo e amostra da pesquisa

Como objeto de estudo para análise dos objetivos propostos foi aplicado questionários em três escolas. A primeira da rede pública de ensino sendo a escola Centro Profissionalizante Deputado Antônio Cabral - CPDAC de nível Fundamental II e Médio situado na Av. Avelina dos Santos, s/n. As outras escolas da rede particular de ensino, todas consideradas as mais bem qualificadas em termos de qualidade de ensino e infra-estrutura do bairro. A primeira particular: Instituto Educacional Nossa Senhora da Conceição – IENSC. Funciona da educação Infantil ao nível Fundamental II, situada na Rua Professora Maria da Luz Barros Barbosa, 14, ficando na quadra transversal da escola pública. E a segunda escola particular: Instituto Paraibano Infante Juvenil (IPI), localizada na Rua Maria L. da Conceição, 100, ficando a 3 km das escolas anteriores e todas localizadas no bairro Valentina de Figueiredo. É importante destacar que, pela localização geográfica, as três escolas atendem a mesma comunidade e adjacências.

Em relação mais especificamente ao CPDAC este funciona nos três turnos, sendo que nos turnos manhã e tarde oferece o ensino fundamental regular (7º ao 9º), o ensino médio regular e integrado e no turno noite o ensino médio regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A partir deste ano de 2014 a escola passou a oferecer o ensino médio integrado para os alunos que estão iniciando esse nível de ensino, sendo oferecido nos turnos manhã e tarde, onde podem optar pelo curso de Administração ou de Comércio. A grade curricular do ensino médio integrado abrange as disciplinas do médio regular trabalhadas no turno de matrícula do aluno e as disciplinas técnicas aplicadas no turno oposto ao da matrícula. A escola oferece almoço aos alunos que preferem permanecer na escola na troca de turnos. Em relação ao turno da noite a escola oferece ensino técnico por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). O objetivo desse ensino médio técnico é a formação integral, técnica e

profissional dos alunos ao término dos três anos do ensino médio. Em anexo fotografias 01, 02, 03 e 04 que mostra toda a fachada e dimensão territorial ocupada pela escola.

O CPDAC foi fundado em 1982 com o funcionamento do médio e do magistério. O ensino fundamental regular II iniciou a partir de 1990. Hoje conta com um número de 1500 alunos, sendo a maior escola pública estadual em termos de número de alunos e em estrutura física do bairro. Já contou com um número de 4.253 alunos e nesta funcionou dentista, diversas oficinas profissionais abertas à comunidade e tinha toda uma equipe pedagógica para atendimento a todo corpo escolar. Hoje o CPDAC possui 80 professores, sendo 6 de geografia (dois pela manhã, dois a tarde e dois a noite), um diretor geral, dois adjuntos e uma secretária geral responsável pela coordenação do setor da secretaria da escola. O Conselho Escolar, formado por representantes (eleitos) dos funcionários, professores, direção, alunos, pais e comunidade se reúne sempre que convocados pelo seu presidente para tratar de assuntos diversos relacionados ao bom andamento da escola. O CPDAC trabalha com um número reduzido de alunos, principalmente no turno da noite devido à baixa procura por matrícula. No turno da manhã e tarde funcionam em média no nível fundamental: dois 7º anos, dois 8º, três 9º anos; no ensino médio: três 1º ano regular, três 1º técnico, três 2º ano regular e dois 3º ano. A noite funciona (ensino médio) um 1º ano regular, quatro turmas de 1º EJA e um PROEJA, um 2º ano regular, três 2º EJA e um 3º ano regular, três turmas 3º EJA. Em relação a estrutura não há sala de informática, os computadores foram guardados enquanto a escola passava por um longo período de reforma. Depois de concluída a obra, tentou-se ativar os microcomputadores, mas pouquíssimos estão em condição de uso sendo apenas utilizado pela direção, secretaria e sala do conselho escolar. Contudo, encontra-se em uso uma sala de vídeo, biblioteca e ginásio. Para uso de recursos tecnológicos a escola tem apenas dois data show para uso de aluno e professor. O uso deste é por meio de agendamento, o que gera muitos transtornos devido a pequena quantidade para atender a imensa demanda. Para os professores de geografia há mapas e globo disponível ao uso destes. Os livros e fardamento são distribuídos pelo Governo do Estado às escolas que repassam para os alunos.

Em relação à escola IENSC essa foi fundada no dia quatro de abril de 1984 e funciona recentemente nos turnos manhã e tarde, sendo oferecido do ensino infantil ao ensino fundamental I e II regular. Atende a cerca de quinhentos e cinquenta alunos residentes no bairro do Valentina, loteamentos e bairros vizinhos como Mangabeira e Bancários, além de Jacumã pertencente ao Município do Conde. O ensino fundamental II é formado por dois 6º anos, um 7º, 8º e 9º ano pela manhã e um 6º ano, dois 7º anos, um 8º e um 9º ano no período da tarde. A escola possui um corpo técnico de profissionais composto por diretor,

coordenador e secretária escolar que também forma o conselho escolar juntamente com os professores. Apresenta um quadro de trinta e quatro funcionários, sendo vinte e quatro professores e destes apenas um professor de geografia que atende as turmas do fundamental II manhã e tarde. A estrutura oferecida a escola é biblioteca e sala de vídeo. A escola não possui grêmio. E conforme informação da coordenação, a evasão escolar é insignificante. Em anexo segue fotografia 05 e 06, correspondentes fachada do prédio da escola.

Já a escola IPI fundada em 1988, funciona na atualidade com o ensino infantil e fundamental I e II regular nos período manhã e tarde e o ensino médio regular apenas no turno da manhã com duas turmas de 1º ano, uma de 2º e uma de 3º ano. A equipe técnica pedagógica da escola é formada por diretora pedagógica e coordenadora, sendo uma para o ensino fundamental e outra responsável pelo ensino médio. Possui em média quarenta funcionários, sendo trinta e um professores e destes, dois professores de geografia um para cada turno. Em relação ao número de alunos a escola tem cerca de setecentos, residentes no próprio bairro, loteamentos vizinhos e em Jacumã. Estes usufruem de uma estrutura de salas amplas, bem ventiladas, câmara nas salas, duas salas de TV, duas salas com data show e um móvel disponível aos professores e um ginásio poliesportivo. Além disso, para o ensino da geografia, os professores também têm a disposição mapas e o globo terrestre. A escola não tem conselho, mas reúne sempre que necessário a equipe pedagógica, com professores e pais de alunos e segundo a coordenação não há evasão na escola. Em anexo fotografia 07 da fachada do prédio da escola.

2.3 Coleta de dados e detalhamentos

A pesquisa tomou como sujeito de investigação para estudo da rede pública cinco professores de geografia e trinta e três alunos de todo o ensino básico dos turnos manhã e tarde.

Na rede pública após autorização da direção, o questionário foi aplicado com o educando por meio da ida às turmas do 7º ano do fundamental regular ao 3º ano do médio regular, sendo uma sala por ano de ensino. Após apresentação e explicação do motivo de estar ali, foram solicitados cinco voluntários para responder ao questionário desta pesquisa, havendo uma rápida prontidão destes onde responderam no decorrer do turno e deixaram na secretaria da escola no mesmo dia. Em relação aos professores de geografia, após as

apresentações e explicações o questionário foi entregue a cinco professores da manhã e tarde, sendo devolvidos, preenchidos dois dias depois. Não houve problema para receber os questionários. À medida que iam concluindo, iam sendo entregues por trabalhar nessa escola, assim como para obter as informações gerais desta.

Na escola IENSC, a direção autorizou no mesmo dia ir às salas de aula entregar o questionário aos alunos para os mesmos devolverem no dia seguinte. A ida procedeu da mesma forma que na escola pública, uma turma por ano de ensino, sendo do 6º ano ao 9º ano. Após apresentação e explicação e tomando o universo amostral de cinco alunos por ano de ensino, a própria coordenação definiu os alunos que iriam responder. Após distribuição, o mesmo foi entregue preenchido pelos alunos no dia seguinte. O único professor de geografia da escola procedeu da mesma forma que os alunos.

A direção da escola IPI também prontamente permitiu a realização da pesquisa com seus alunos e professores seguindo o mesmo procedimento da escola anterior, distribuindo para recebimento no dia seguinte. Além disso, foi a própria coordenadora que entregou aos professores de geografia e foi nas salas distribuir o questionário com os alunos do ensino médio, usando o mesmo universo amostral solicitado de cinco alunos por turma, de modo que não tive acesso aos mesmos. A pesquisa foi aplicada nesta escola somente com os alunos do ensino médio devido na anterior ter sido aplicado com os alunos do ensino fundamental, complementando assim, o quadro comparativo do processo de ensino-aprendizagem do saber geográfico da rede pública e privada no ensino básico.

Já o questionário dos professores corresponde a nove perguntas abertas para análise sem induções de como veem a importância da disciplina, o papel do educador, sua prática pedagógica, relação professor-aluno, equipamentos usados no processo de ensino/aprendizagem e como este tem contribuído para formação cidadã do educando e como este tem percebido o entendimento dos alunos na aplicação prática como cidadãos e por fim na opinião destes, qual a responsabilidade da escola em formar cidadãos.

Com base nas perguntas dos educadores, foram elaboradas cinco perguntas, também abertas, para análise de como estes veem a disciplina de geografia e sua formação cidadã. As respostas dos alunos serão confrontadas com as respostas dos professores para verificar se ambos estão tendo um mesmo entendimento do processo de ensino e aprendizagem do saber geográfico. As perguntas do questionário aplicado com o educando seguem os contextos de como eles avaliam as aulas de geografia, quais os recursos metodológicos usados por seu professor e se ambas estão sendo satisfatórias, como as aulas de geografia podem auxiliar na sua participação na sociedade enquanto cidadão e assim contribuir com sua visão de mundo.

Além da aplicação dos questionários foi conversado com a direção das mesmas sobre o perfil da escola e dos alunos e sobre sua estrutura e equipamentos oferecidos.

3 O SABER GEOGRÁFICO: MÚLTIPLOS OLHARES

A ciência geográfica é complexa e está em constante evolução produzindo novos conceitos e teorias. Isso se deve as rápidas mudanças do espaço geográfico objeto de estudo da geografia, que é formado pela intrínseca conexão entre a sociedade e o meio no qual está inserida. Desta forma, nada na ciência encontra-se desconexo, o que forma um sistema aberto de relações e leva a constantes mudanças de paradigmas (nova forma de pensar, de enxergar o mundo a partir de novas relações) e a crises de identidades, fragmentação da ciência e deste sujeito pós-moderno.

Mas, das crises busca-se a ordem, o equilíbrio por meio da reflexão e com isso forma-se novos paradigmas e o avanço da ciência. A geografia tem o propósito de estudar estas conexões, não fragmentadas, mas a concepção do todo e suas relações implícitas e explícitas, ou seja, as relações sociais e destes com o meio ambiente.

É certo que a grande complexidade e extensão dessa ciência, levaram a especialidade/fragmentação do seu estudo. Há uma grande dificuldade de fazer as conexões que resulta as causas e perfis sociais e ambientais das sociedades, dos povos, que recebem nesta pós-modernidade interferências cada vez mais universais.

Desta forma, tem-se uma geografia mais ligada aos aspectos físicos da natureza e outra mais voltada aos aspectos da humanidade. Esta geografia dicotômica é trabalhada nos livros didáticos do ensino fundamental II e ensino médio com o objetivo de facilitar o estudo e entendimento dos educandos. Mas, como dito anteriormente o espaço é um conjunto de relações interconectadas (implícita e explicitamente) e complexas entre os homens e entre estes com o meio ambiente que não podem ser vistos separadamente como se um não interferisse no outro. Com isso, os estudiosos da geografia afirmam que esta é a ciência do presente explicada pelo passado.

A geografia tem relações com muitas outras ciências onde o essencial é extrair os princípios do método geográfico. Segundo Andrade (2010, p. 48) o geógrafo “armado de uma formação científica complexa e dispondo de conhecimentos básicos das ciências auxiliares, está habilitado a fornecer uma descrição e interpretação das paisagens em suas implicações naturais e nas modificações feitas nas mesmas pelo homem”. Para essa tarefa pode utilizar o princípio de extensão, esclarecido por Ratzel (segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX) – utilizado para delimitar os fatos a serem estudados na superfície terrestre com mensuração ou medição (área, tamanho), quantificação dos fatos e interpretação

por meio de tabelas e gráficos. Os métodos utilizados para o alcance do objetivo traçado faz uso de área de extensão interdisciplinar como a geografia botânica, geografia física, geografia humana, geodésica, estatística e a cartografia (temática, trabalha com cores, símbolos e exprime os resultados). Princípio da analogia ou Geografia Geral, expresso por Karl Ritter (final do século XVIII e primeira metade do século XIX) e mais recentemente Paul Vidal de La Blache (segunda metade do século XIX e duas primeiras décadas do século XX) – refere-se aos fenômenos análogos (semelhantes) que podem apresentar-se em diversos pontos do globo. Por isso, nesse método se compara a área estudada para ver suas diferenças e semelhanças. Isso leva ao conhecimento da maior parte do globo terrestre. O terceiro princípio do método geográfico é o da casualidade formulado por Alexander Von Humboldt (segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX). Procura progredir no exame dos fenômenos, determinando sua extensão e procura explicar suas causas e consequências quando se está numa área que não se tem afinidade (física, natural ou social), devendo ter uma noção da área trabalhada. O quarto princípio foi apresentado por Jean Brunhes (fins do século XIX e primeiras décadas do século XX), princípio da conexidade. Nesse, os fenômenos geográficos nunca ocorrem isoladamente, daí a necessidade de interligar os conhecimentos geográficos a outras ciências, formando uma interdisciplinaridade – fundamental a geografia moderna. O quinto princípio é o da atividade, também proposto por Brunhes, visa demonstrar que os fatos geográficos estão em constante mutação e que seu entendimento depende de uma análise do passado para compreender o presente. Permite analisar as tendências de evolução dos fatos, reconhece o presente como um produto ou herança do passado e analisa as transformações ocorridas ao longo do tempo, constituindo importantes bases da geografia moderna.

Assim, a geografia moderna encara a distribuição e as causas em relação à superfície do globo, dos fenômenos físicos, biológicos e humanos tendo um caráter científico e filosófico (busca das causas), descritivo e realista.

3.1 Surgimento, discussões e conceitos sobre geografia

A palavra geografia vem do grego antigo tendo significado etimológico, geo (terra) e grafia (estudo). O objeto de estudo é o espaço geográfico, sendo um conjunto inseparável entre os objetos geográficos naturais e sociais e a vida que os dá movimento, ou seja, as

sociedades em movimento. Segundo Santos (1996, p.73), “espaço é igual a paisagem mais a vida nela existe; é a sociedade encaixada na paisagem, vida que palpita conjuntamente com a materialidade”. Entende-se que a paisagem referida por Milton Santos, é natural ou artificial¹ (original modificada pelo homem). Para Kosel(1999 apud NITSCHKE, 2001, p.37)

é imprescindível adquirir uma visão de conjunto, de mundo, de sociedade e natureza. Pensando a cidadania como participação, integração a um todo maior estabelecido e vivido na realidade através da relação sociedade natureza, na produção do espaço. E a geografia é o veículo que elegemos para este “estar no mundo”. Viver, pensar, participar, localizar-se neste dinâmico e contraditório é o que denominamos de espaço Geográfico. A Terra é o lugar de múltiplas relações e a Geografia é uma das lentes que permite a sua leitura. O olhar geográfico sobre o mundo se projeta através destas múltiplas relações, onde o aluno é produtor do espaço e o espaço é o produto. Os homens produzem seus espaços.

Com essa explicação fica claro que o espaço não é criado pelo homem, mas passa por constantes processos de transformação, seja pelo homem ou por processos físico-químicos naturais o que convém chamar de ambientes artificiais criados ou modificados. Desta forma, evidencia-se está tratando dos ambientes terrestres. Mas o espaço sideral também é considerado para estudo pela Geografia, com seus corpos celestes e elementos que interagem e influenciam nas relações sociedade/natureza e na dinâmica dos elementos físico-químicos terrestres.

Espaço é o local onde é possível a existência de corpos, objetos, relações físicas e químicas, propícias ou não ao desenvolvimento de seres vivos. O homem apenas integra, se correlaciona, interfere se relaciona e interagem neste (direta ou indiretamente), através da criação de novos ambientes (criação de objetos para transportes, energia, fluxos e relações sociedade/natureza, construção de cidades, estações espaciais, satélites, naves, etc. (NITSCHKE, 2001, p. 38)

Os gregos foram a primeira cultura conhecida a explorar ativamente a Geografia como ciência e filosofia, sendo os maiores contribuintes Tales de Mileto, Heródoto, Erastóstenes, Hiparco, Aristóteles, Estrabão e Ptolomeu. Embora admite-se que a geografia só se tornou ciência autônoma a partir do século XIX, já existia um conhecimento geográfico e sua aplicação desde a pré-história que foi expandindo-se com o desenvolvimento, aumento do domínio e das interferências das sociedades no meio.

Na pré-história, na Antiguidade e na Idade Média, a geografia era utilizada para desenhar roteiros a serem percorridos, para indicar os recursos a serem explorados, para indicar as relações meteorológicas, estando profundamente identificada com a Cartografia e com a Astronomia. Estudiosos como Heródoto e Estrabão se

¹Paisagem natural (original) que foi modificada e criada ou alterada pelo homem.

aventuraram a tirar conclusões além das descrições que faziam.(ANDRADE, 2008, p. 18).

Para Andrade (2008) os povos orientais não só desenvolveram os conhecimentos empíricos da Geografia, como também realizaram observações e estabeleceram estudos matemáticos que deram origem a estudos sistemáticos do mundo. As civilizações agrícolas da Mesopotâmia e do Egito por exemplo, dependentes da irrigação, levaram os agricultores a estudar os rios Tigres, Nilo e o Eufrates levando em conta a origem, a extensão e o regime dos mesmos... Isso porque a cheia dependia da maior ou da menor área a ser cultivada, quantidade de alimentos a ser produzida e oportunidade de trabalho. Essa preocupação foi o primeiro passo para o desenvolvimento de estudos de hidrografia fluvial e de geometria.

A contribuição dos gregos a civilização ocidental é da maior importância, quer do ponto de vista quantitativo, quer qualitativo. Ao mesmo tempo em que se ampliava o conhecimento do espaço geográfico, aguçando a pesquisa dos sistemas de relações entre sociedade e a natureza – sistemas agrícolas, técnicas de uso do solo, relacionamento entre cidade e o campo, relações entre classes sociais e entre o Poder e o povo -, desenvolvia-se também a curiosidade sobre as características naturais, os sistemas de montanha, os rios, a distribuição das chuvas, a sucessão das estações do ano etc. Tudo isto vinha estimular os escritores que contavam o que viam e ouviam e estudiosos que pesquisavam a natureza das coisas. Entre os escritores, pode-se citar Heródoto, considerado pai da história, apresenta-se, até certo ponto, como um precursor do determinismo geográfico e faz a descrição das regiões e países; Estrabão escreveu um livro, em 17 volumes, intitulado Geografia, em que, com base no conhecimento de sua época, procurou descrever o mundo conhecido. A ele cabe o mérito de haver utilizado, pela primeira vez, o termo Geografia e de haver compilado todo o conhecimento científico, geográfico da época. Outros escritores foi Aristóteles que apresentou a teoria da esfericidade da Terra e Eratóstenes que indicou as dimensões do planeta e Ptolomeu (século II d.C.) desenvolveu em seu livro, Sintaxis, uma teoria ou sistema planetário geocêntrico. (ANDRADE, 2008, p. 37 e 38).

Os romanos a tomavam com objetivos expansionista por isso, a medida que exploravam novas terras, usavam a cartografia para acrescentavam acrescentar novas técnicas. Nas viagens de Marco, Idade Média, o interesse e reflexão expandem-se pela Europa. Do período da Renascença², do século XIV ao XVI, e ao longo dos séculos XVI e XVII as bases desse saber foi amadurecendo com informações mais detalhadas, um exemplo disso é o mapa

²Ocupa o espaço entre a Idade Média e o Iluminismo, marcando assim a transição do feudalismo para o capitalismo, rompendo com as estruturas medievais. É considerado o período mais brilhante e profícuo da civilização ocidental. É marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, como na cultura, economia, política e religião. É a vivificação, ou renascença da civilização clássica e da educação. A palavra mais forte empregada neste período é o HUMANISMO.

mundo de Gerard Mercator (1569)³. Nesse período de expansão marítima a geografia era mais voltada a cartografia e a descrever os povos, terras e climas. Observa-se que o homem sempre tem a necessidade de estudar, conhecer e organizar o seu espaço de vivência não só terrestre, mas o sideral. Seja para expansão de suas fronteiras, estabelecimento de reinos, civilizações, conhecer e interpretar o sol, a lua e as estrelas para ajudar na agricultura, nas navegações, no estabelecimento de um calendário, no estabelecimento de mapas, cartas que auxiliassem as navegações e depois a representação cartográfica dos continentes agora integrados e conhecidos pelas sociedades europeias, entre outros aspectos.

Os romanos conquistaram a Grécia no século II a.C. e dominaram toda a bacia do Mediterrâneo, estendendo o seu domínio sobre o Oriente Médio até os mares Negro e Cáspio e na Europa até o Reno, tendo atravessado a Mancha e dominado a Bretanha. Senhores do maior império até então conhecido, procuraram não só explorar este vasto território, como estender a sua língua e a sua cultura. Bastante inferiores culturalmente aos gregos, absorveram a cultura grega e utilizaram os seus pedagogos para ensinar a seus filhos. Sendo muito pragmáticos, procuraram desenvolver ao máximo a organização de seu império e o comércio entre as dezenas de províncias que o compunham. Daí a importância maior a geografia descritiva. (ANDRADE, 2008, p. 41 e 42).

Mas, apesar de todos os aspectos observados anteriormente, o estabelecimento como ciência só acontece a partir do século XIX, com a Escola Alemã e a relação dos fenômenos da natureza e ações do homem. Teve como precursores Alexander Von Humboldt (geógrafo naturalista) e Karl Ritter (geógrafo social).

Admite-se que a Geografia se tornou uma ciência autônoma a partir do século XIX, graça aos trabalhos dos geógrafos alemães Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter e foi no século XIX que surgiram e ganharam autonomia as demais ciências sociais, salvo a Economia Política, desenvolvida a partir dos trabalhos de Adam Smith, já no século XVIII. (ANDRADE, 2008, p. 18).

Desta forma, nos últimos dois séculos (XIX e XX), vem a sua real afirmação como ciência geográfica, por meio de três escolas importantes: Determinismo Ambiental, o Possibilismo Geográfico, Geografia Regional, Geografia Pragmática (Nova Geografia, Geografia Teórica ou Quantitativa) e a Geografia Crítica.

³Mercator ganhou reputação pelos seus mapas, atlas e sua famosa projeção cartográfica, que originalmente como ajuda para a navegação marítima, se tornaram um modelo para muitos mapas-múndi. Geógrafos críticos condenaram a projeção de Mercator, porque ela deforma e distorce grosseiramente as áreas apresentadas, contribuindo assim para criação de uma imagem ideologizada do mundo a favor das economias dominantes. (SEEMANN, 2003, p.1).

Antes disso, segundo Ribeiro (2011, p. 820) já havia ensino de geografia,

o primeiro professor de que se tem registro foi Immanuel Kant, por pelo menos três ou quatro décadas, no século XVIII, ele dedicou parte de seu tempo ao ensino de Geografia. A Geografia de Kant era fruto de um conjunto de conhecimentos e informações resultantes de relatos de viagens e compêndios que sintetizam os aspectos fisiográficos de várias partes do planeta. É esse material que organiza, sistematiza e classifica produzindo algo que poderia ser chamado de taxonomia do mundo físico. As bases filosóficas da Geografia criados por Ritter e Humboldt, no século XIX, têm como referência o pensamento kantiano.

Contudo a Geografia acadêmica desenvolve-se inicialmente na Alemanha com o Determinismo Ambiental (século XIX), para estes justificarem o seu crescimento militar, industrial e o seu expansionismo. O pensamento ratzeliano defendia a interferência do meio natural especialmente das condições climáticas, nas características de comportamentos dos povos, ou seja, o meio natural influenciava determinando o homem na sua capacidade de progredir.

Os alemães foram importantes para a consolidação da Geografia enquanto ciência, sobretudo, com a contribuição desses intelectuais a Geografia pôde se estabelecer sobre fundamentos científicos autênticos e deixar de ser uma simples descrição do planeta para se transformar em uma ciência baseada na investigação das relações entre natureza e sociedade. O surgimento da Geografia articula-se com motivações de natureza política. A formação do Estado Nacional alemão precisava de estímulos, o que fez com que o discurso geográfico assumisse uma centralidade, consolidando o sentimento de pertencimento por meio da unidade territorial. (MORMUL; ROCHA, 2013, p. 66).

O expansionismo alemão foi legitimado pelas duas principais correntes de pensamento, o determinismo geográfico (explicaria a superioridade de algumas raças, neste caso a alemã) e o espaço vital (espaço necessário à sobrevivência de uma dada comunidade). Seu precursor foi o alemão Friedrich Ratzel. Sua fundamentação vinha das teorias naturalistas de Lamarck e Darwin, em relação à adaptação ao ambiente.

Ratzel se tornou conhecido por dar maior ênfase ao homem na sua formulação de Geografia. Sua concepção geográfica correspondia aos anseios expansionistas da Alemanha, encarou o homem como uma espécie animal. Entre os princípios que formulou destaca-se a relação do homem com o meio natural, estudou também o Estado, em sua Geografia política. (MORMUL; ROCHA, 2013, p. 67).

O cenário geográfico vai obter o pleno reconhecimento de sua autoridade, com o aparecimento das teorias do Evolucionismo. Estas, contemporâneas da sistematização da geografia, forneceram o patamar imediato da legitimação científica dessa disciplina. Das formulações de Darwin e Lamarck, da um lugar de destaque, em sua explicação, ao papel desempenhado pelas condições ambientes; na evolução das espécies, a adaptação ao meio seria um dos processos fundamentais. (MORAES, 1994, p. 13).

É no contexto da expansão do pangermanismo (os imperialismo francês e inglês se desenvolveram mais cedo, em ambientes intelectuais diferentes) que Friedrich Ratzel (1844-1904) realizou a obra, que, ainda hoje, influencia consideravelmente a geografia humana; sua Antropogeografia está estreitamente ligada à sua Geografia política. Retomando inúmeros conceitos ratzeliano, tal como o de Lebensraum (espaço vital) e os dos geógrafos americanos e britânicos (como Mackinder), o general geógrafo Karl Haushofer (1869-1946) dá, em seguida à Primeira Guerra Mundial, um impulso decisivo a Geopolítica. (LACOSTE, 1988, p.10)

Já na França (final do século XIX), tendo como precursor Paul Vidal de La Blach teve origem o Possibilismo geográfico que faz contraposição aos Alemães. Defendia a ideia de que o meio natural exercia influências sobre o homem, mas esse podia dominá-la modificando e melhorando seu meio adaptando-o as suas necessidades, ou seja, a natureza não era um fator determinante para o comportamento humano.

Outra grande escola da Geografia, que se opõe as colocações de Ratzel, é eminentemente Francesa, e tem como seu principal formulador Paul Vidal de La Blach, cuja eclosão do pensamento se dá em redor de 1870. Para Vidal de La Blach o objeto da Geografia é a relação do homem-natureza na perspectiva da paisagem. O homem como um ser ativo, que sofre a influencia do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. (MORAES, 1994, p. 24).

Embora o pensamento geográfico francês nascesse com a tarefa de combater as ideias de Ratzel, “ambos veicularam através do discurso científico o interesse das classes dominantes dos seus respectivos países”. (MORAES, 1994, p. 23).

Da escola francesa também foi desenvolvido a ideia de Geografia Regional, o objetivo era comparar regiões segundo coletas descritivas de espaços que se aproximavam pelas similaridades e se diferenciavam para formar outros espaços e lugares, dividir a Terra em regiões. A parte da década de 1940, esta corrente ganha importância por meio de Richard Hartshorne.

Região – explicitação de um conceito vislumbrado por La Blach como balizamento central da Geografia Francesa posterior – denominação dada a uma unidade de análise geográfica, que exprimiria ao espaço terrestre. Assim, a região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. A ideia de região propiciou o que viria a ser majoritária e mais usual perspectiva de análise do pensamento geográfico: a Geografia Regional. Os conceitos básicos formulados por Hartshorne foram os de “área” e de “integração”, ambos referidos ao método. A área seria uma parcela da superfície terrestre, diferenciada pelo observador, que a delimita por seu caráter, isto é, a distingue das demais. Uma área seria múltiplos processos integrados, sendo uma fonte inesgotável de inter-relações. (MORAES, 1994, p. 27, 28 e 32).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o espaço mundial é caracterizado por um novo cenário. Na geografia para justificar essa nova realidade forma-se um novo paradigma, Geografia Pragmática, da necessidade lógica da exatidão e dos conceitos teóricos apoiados na matemática-estatística-científico. Desenvolvida na década de 1950 foi usada como um instrumento de poder estatal para manipulação de resultados estatísticos. Seus representantes: Von Thünen, Chirstaller, Weber e Harvey. Por fim, na década de 1960 passa a ser criticada, por desconsiderar as peculiaridades dos fenômenos, já que o método matemático só explica o todo.

O intuito geral da Geografia Pragmática é uma “renovação metodológica”, o de buscar novas técnicas e uma nova linguagem, que dê conta das novas tarefas postas pelo planejamento. Criar uma nova tecnologia geográfica. Daí a denominação de Pragmática. A Geografia Pragmática vai se substanciar por algumas propostas diferenciadas, como a Geografia Quantitativa, onde os avanços da estatística e da computação propiciam uma explicação geográfica. Outra é a chamada Geografia Sistemática, propõe o uso de modelos de representação e explicação no trato dos temas geográficos. Esta também desenvolve uma tecnologia de intervenção na realidade, é uma arma de dominação, para os detentores do Estado. A crítica a Geografia Pragmática incide no empobrecimento que ela introduz na reflexão geográfica; também de um desenvolvimento técnico, minimizado frente ao empobrecimento real da análise por ela empreendida. (MORAES, 1994, p. 37- 40).

Durante as décadas de 1970 e 1980 na França, depois na Alemanha, Brasil, Itália, Espanha, Suíça, México e outros países é formada uma nova corrente em oposição às anteriores. Trata-se da Geografia Crítica. Esta repensa a questão da organização social, procurando identificar, pensar as relações sociais, políticas econômicas das sociedades para uma leitura crítica dos problemas, relações de poder, as relações dialéticas entre as formas espaciais e os processos históricos que modelam os grupos sociais. Defendia uma mudança do ensino da geografia nas escolas de forma a incentivar o espírito crítico dos alunos. No Brasil um dos grandes nomes da Geografia Crítica foi Milton Santos.

Outra vertente de renovação do pensamento geográfico. Advém de uma postura crítica radical, frente a Geografia existente. A crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente a realidade, frente a ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo. São, assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem. (MORAES, 1994, p. 42).

...tendo em vista uma Geografia mais generosa e vendo o espaço como um lugar de luta. Esta é, em termos bem resumidos, a proposta de Milton Santos, uma das mais amplas e acabadas da Geografia Crítica. Há de se ressaltar que este autor já a substantivou, em alguns pontos mais específicos, como na análise da organização interna das cidades, e seu papel na organização regional. Tais estudos encontram-se expostos em vários artigos e em livros, como O espaço dividido, As cidades do Terceiro Mundo, Pobreza urbana e Geografia e Sociedade. As formulações de

Milton Santos representam uma das propostas da Geografia Crítica, exemplificando bem a postura política e o posicionamento social que a caracterizam. (MORAES, 1994, p. 46 e 47).

A geografia crítica também aproximou dos movimentos sociais a busca dos seus direitos civis e sociais para diminuição das desigualdades sociais. Há um olhar da geografia observado por Yves Lacoste (1988) no qual descreve duas geografias, a dos Estados-Maiores (final do século XIX) e a dos professores.

A geografia dos Estados-Maiores, de origem antiga, é a dona do saber, do pensar e com isto a dona do poder, daí a sua grande importância. É uma geografia estratégica, dirigida por uma minoria que sabe dominar seu espaço utilizando-o como lhe convém.

A geografia dos professores surgiu, a menos de um século, como uma forma de esconder a importância da geografia em relação ao espaço. É uma geografia repetitiva, de discurso preestabelecido, que não sabe questionar, pois não há debate, não há raciocínio, apenas reproduz o conhecimento, omite os fatos. Essa geografia contribui negativamente alienando milhões de indivíduos, tornando-a num saber inútil, enquanto que a outra geografia articula os seus projetos políticos referente ao espaço.

Lacoste (1988) também diz que embora as duas geografias tenham o mesmo objeto de estudo, a dos Estados-Maiores sabe para que serve os elementos do conhecimento nele inseridos, mas já os professores de geografia de maneira inconsciente estão mistificando e sendo mistificados por aqueles que detém o conhecimento. A geografia dos professores também dissimula a importância das estratégias políticas, militares, econômicas e sociais que a outra geografia permite a alguns elaborarem.

Desde o fim do século XIX pode-se considerar que existem duas geografias: - Uma, de origem antiga, a geografia dos Estados-maiores, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimento variados de representações referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder. - A outra geografia, a dos professores, que apareceu há menos de um século, se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não tem participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. (LACOSTE, 1988, p.14).

Em tempos mais recentes, as cartas, os manuais e os testes de geografia deixaram de serem as únicas formas de representação do espaço. Entra em cena a representação das paisagens, as fotografias, os cinemas, que ao olharmos sem precisar de palavras, transmite

mensagens e essa para a maioria não passa de uma beleza natural a ser contemplada, mas para a outra geografia é mais uma forma de “enganar o adversário e vencê-lo” (LACOSTE, 1988, p.16).

3.1.1 Geografia tradicional

Também conhecida como Geografia Clássica, surgiu inicialmente na Alemanha e França, no século XIX. Seus sistematizadores foram Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter (século XIX). Neste período acontece, de fato, a sistematização da geografia, para uma ciência geográfica, com definição de seu objeto, objetivo, princípios de estudo, deixando de ser uma geografia que estuda tudo, para uma que resolvesse de forma prática as necessidades do desenvolvimento capitalistas alemão. Analisando a interação entre homem e o meio ambiente, ganha novas formas e bases científica à medida que também é estudada por outras escolas como a Francesa e essa geografia científica passa a ser estudada nas escolas. Segundo Lacoste (1988, p.11) “de fato foi somente no século XX que apareceu o discurso geográfico escolar e universitário destinado, no que se tinha de essencial (ao menos estatisticamente) a jovens alunos”.

Com essa geografia se desenvolve duas dicotomias. Na escola francesa: física e humana. Humboldt e Hitter subdividiram em Geografia Geral (Humboldt) e Geografia Regional (Hitter). Depois com Ratzel veio o determinismo geográfico e dos estudos dos escritos dessa escola, a escola francesa estabeleceu o possibilismo, com Vidal de La Blache. Mas, todas essas escolas apresentam um discurso positivista, tendo como característica a descrição, visão evolutiva e determinista.

Na geografia Física estudava os aspectos físicos naturais do meio. Na Humana com os aspectos relacionados às atividades sociais. Nesta relação a geografia física tinha mais base científica para desenvolvimento.

Em virtude do aparato metodológico mais eficiente das ciências físicas e da esplêndida concatenação teórica elaborada por William Morris Davis, a Geografia Física rapidamente ganhou a imagem de ser a parte cientificamente mais bem consolidada e executada [...] Destituída de aparato teórico e explicativo para as atividades humanas, assim como a imprecisão dos procedimentos metodológicos, a Geografia Humana sempre se debatia na procura de justificar o seu gabarito científico, e em estabelecer sua definição e finalidades como ciência (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.13).

Na Geografia Geral estuda-se separadamente a distribuição dos fenômenos que ocorrem na superfície terrestre (geomorfologia, hidrografia, climatologia, etc.). A Geografia Regional estuda a organização das unidades componentes da superfície, agrupando-as para formar as regiões para descrevê-las.

Desta forma a geografia tradicional se apoia nos métodos empíricos, por meio da observação, descrição, classificação dos fatos, o que resulta em visões fragmentadas dos aspectos do meio natural e humano, sem relações entre eles e sem a visão do todo.

A Geografia advém, principalmente, do fundamento comum de todas as correntes da Geografia Tradicional sobre as bases do positivismo. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. A descrição, a enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, mas a Geografia Tradicional se limitou a eles; como se eles cumprissem toda a tarefa de um trabalho científico. E, desta forma, comprometeu estes próprios procedimentos, ora fazendo relações entre elementos de qualidade distinta, ora ignorando mediações e grandezas entre processos, ora formulando juízos genéricos apressados. E sempre concluindo com a elaboração de tipos formais, a - históricos e, enquanto tais, abstratos (sem correspondência com os fatos concretos). Por esta razão, a Geografia Geral, tão almejada pelos geógrafos, na prática sempre se restringiu aos compêndios enumerativos e exaustivos, de triste memória para os estudantes do secundário. (MORAES, 1994, p.7).

A Geografia Tradicional deixou uma ciência elaborada, um corpo de conhecimentos sistematizados. Elaborou um rico acervo empírico com um saldo favorável pelo desenvolvimento das técnicas de descrição e representação. Elaborou alguns conceitos (como território, ambiente, região, habitat, área, etc.). (MORAES, 1994, p.33).

Essa geografia foi levada para as escolas se consolidando. Na pedagogia chamada tradicional, o ensino discorre de cima para baixo, ou seja, é o professor detentor do saber, e o aluno apenas o reprodutor deste. Para isso, as práticas pedagógicas adotadas são de memorização, dicotômica e fragmentada, ou seja, não há a ligação/interação dos elementos geográficos, os conteúdos são passados como prontos e acabados, o espaço estudado não é visto na sua totalidade e relações de interferência. Assim, a geografia física é estudada separadamente da geografia humana. Até os dias atuais essa geografia vem sendo aplicada em muitas escolas.

A Geografia enquanto mais uma ciência moderna que emergiu no seio da sociedade europeia do século XIX expressa uma verdadeira singularidade: suas raízes encontram-se na escola, pois ela fazia parte das disciplinas aí presentes, na medida em que inculcava nas crianças e adolescentes a ideologia do nacionalismo patriótico, de decisiva importância na constituição dos Estados-nações europeia de maneira geral, e de maneira particular do Estado-nação alemão, onde surgiu a Geografia moderna. (VLACH, 1991, p. 52)

Entre os aspectos negativos da geografia tradicional está à falta de reflexão e visão das relações entre os homens e estes com o meio ambiente, passando a ideia de uma ciência sem valor prático, sem significado e retorno para a sociedade, mas que na verdade era usada, como descreveu Vlach (1991), como instrumento de poder para expansão do capitalismo e fortalecimento dos Estados-nações.

3.1.2 Geografia crítica

Surge por volta da década de 1970 na França e revoluciona toda uma maneira de pensar e fazer geografia estabelecida até então. O termo é definido pela identificação com a obra de Yves Lacoste (1988) “A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra”.

Sucedo como opositora da geografia pragmática e tradicional, num contexto de tensões sociais nos países centrais, movimentos de independência dos países subdesenvolvidos, de se opor e despertar para os discursos ideológicos de deturpação da realidade social de crises, desigualdades e fortalecimentos dos detentores do poder.

Retoma de maneira mais aprofundada os estudos sobre a ação do Estado e agentes capitalista, as relações homem e meio ambiente e as abordagens regionais. Essa é a geografia da revolução do pensar, entender as relações sociais por meio de análises críticas do espaço, em ser atuante “geografia ativa” no espaço geográfico e em responder as rápidas transformações sociais que as escolas possibilista, determinista, tradicional e pragmática não respondiam. Ela é comprometida e engajada com a justiça social, com a correção das desigualdades sociais, é considerada a geografia de denuncia e do engajamento com os movimentos sociais.

Esta geografia busca revelar a realidade social, por isso é uma geografia apoiada pelo socialismo Marxista, mas também por geógrafos que não eram marxistas, mas se opuseram as visões das correntes anteriores e propuseram uma nova visão.

Desde o seu nascedouro, a Geografia crítica encetou um diálogo com a Teoria crítica (isto é, com os pensadores da Escola de Frankfurt), com o anarquismo (Réclus, Kropotkin), com Michel Foucault, com Marx e os marxismos (em particular os não dogmáticos, tal como Gramsci, que foi um dos raros marxistas a valorizar a questão territorial), com os pós-modernistas e várias outras escolas de pensamento inovadoras. Mas ela representou principalmente uma abertura para – e um

entrelaçamento com – os movimentos sociais, pela moradia, pelo acesso à terra ou à educação de qualidade, pelo combate a pobreza, aos preconceitos de gênero, de cultura, etnia e de orientação sexual etc. (VESENTINI, 2004, p. 223).

O pensar proposto pela geografia crítica ainda segundo (Moura et al., 2008) veio a ser uma importante arma a favor das transformações sociais, e desvendando as manipulações do sistema capitalista, propondo nos estudos, um discurso mais político. Conforme (MORAES, 2005, p. 42) o conhecimento científico é um poderoso instrumento de luta política para o geógrafo lutar por uma sociedade mais justa, servindo como meio de libertação do homem.

Corrente crítica, pluralista e democrática propõe uma mudança drástica nas práticas pedagógicas em sala de aula. Busca o desenvolvimento da autonomia, criatividade e do potencial crítico do aluno. O aluno deve entender que a geografia tem haver com seu cotidiano, por isso apresenta, também, abordagens de temas transversais.

Trata do engajamento social, mudanças sociais, dimensão política, abordagem das questões ambientais, emergência da cultura e como os três elementos: aspectos políticos, dinâmicas culturais e ambientais, produzem espaço diferenciado no mundo hoje.

Em cada momento da história da humanidade os fatos sociais, os contextos políticos, econômicos, cultural mudam, moldam o pensar, influenciam o pensar e o pensar muda. Essas rupturas ao longo do tempo levam o homem a pensar sua ciência, no modo como pensamos hoje e isto é epistemologia. A geografia atende a estas construções históricas. A geografia é um conhecimento necessário à sociedade, logo necessita do conhecimento do seu espaço.

Em nível de ensino buscava formar cidadãos críticos. Não procura simplesmente passar informação, mas ensina o aluno a pensar, pesquisar, questionar os fatos, o que tem proporcionado às mudanças no espaço. A geografia crítica ensina o aluno a “aprender a aprender”, está atento às mudanças, acompanhando as transformações culturais, políticas, econômicas, sociais a nível local, regional e global.

A geografia crítica escolar dá importância à realidade do aluno, a sua experiência, a sua condição de vida, aos seus conflitos e interesses produzidos no tempo e no espaço, se preocupa em formar alunos cidadão, ativos e participativos, desenvolvendo neles criticidade, autonomia e criatividade em face aos problemas encontrados no seu cotidiano e no seu espaço de vivência. (BRITO; PESSOA, 2009, p. 9).

Para o aluno ser crítico, o professor do ensino básico também deve estar constantemente atento às transformações sociais, a não ser um mero reproduzidor do que está

sendo produzido no mundo acadêmico universitário e científico, mas deve junto com os educandos também produzirem novos saberes conforme a realidade em que estão inseridos.

O educando deve ser estimulado a aprender a não só fazer as leituras de mundo, mas também a realizar trabalhos científicos sobre a sua realidade. Assim, sem dúvida estarão despertando, aprendendo a serem cidadãos críticos e participativos no espaço geográfico.

3.1.3 Geografia contemporânea

A geografia contemporânea é uma geografia renovada, para atender as demandas, forma e processos de organização do espaço geográfico. Tem como objetivo uma renovação na forma de pensar os aspectos relacionados ao seu objeto de estudo, sua importância e necessidade na análise das transformações do espaço geográfico, a ação e comportamentos do homem frente as mudanças.

Esta renovação na análise sócio espacial do meio e suas relações entre os homens e estes com o meio ambiente, tem proporcionado uma geografia atenta no uso e/ou desenvolvimento de novas tecnologias como instrumentos de estudo, nas abordagens de aspectos relacionados ao contexto de conexões e interferências globais deste mundo contemporâneo e a emergente necessidade da Geografia se posicionar e compreender tais mudanças espaciais desde a micro até a macro escala. É como explica Tomasoni (2004 apud OLIVEIRA, 2009, p.1) “na evolução do conhecimento geográfico é possível verificar a busca por diversas abordagens, das relações entre homem e natureza, numa constante dicotomização e posteriormente entre sociedade e natureza buscando apreender uma visão mais totalizante do espaço em suas investigações”.

Então, na geografia contemporânea a cada grande transformação das relações entre os homens e estes com o meio ambiente, ou sociedade e espaço, a geografia cumpri um imprescindível papel de debate e reflexão destes processos o que não é uma tarefa simples nem fácil. A Geografia busca reatualizar essas novas formas de produção e entendimento do espaço, processo pelo qual vem passando ao longo de sua história, renovando seu pensamento em oposição a um mais antigo. “Assim as metamorfoses do espaço exigem a transformação da Geografia”. (CARLOS, 2011, p. 141).

A contradição aparente entre espaço físico e espaço social se caracterizou através do dualismo entre espaço e sociedade. Romper com o dualismo e demonstrar a unidade do espaço e da sociedade não é tarefa fácil. (COSTA; ROCHA, 2010, p.45).

Nós chegamos a entender e a afirmar a unidade do espaço e da sociedade, mas ainda é difícil dar o próximo passo, da afirmação para a demonstração, sem alterar, na prática, nossa concepção de espaço. A noção de que o espaço e a sociedade “interagem” ou que os padrões espaciais “refletem” a estrutura social não é somente grosseira e mecânica na sua elaboração, mas também impede mais discernimentos com relação ao espaço geográfico [...] Duas coisas somente podem interagir ou refletir-se mutuamente se elas forem definidas, em primeiro lugar, como coisas separadas [...] A concepção da “produção do espaço” deve-nos apresentar um meio de dar o próximo passo e de nos permitir demonstrar, mais do que simplesmente afirmar, a unidade do espaço e da sociedade (SMITH, 1988 apud COSTA; ROCHA, 2010, p. 45).

São novos desafios que surgem a cada dia e que devem ser como agentes motivadores para os geógrafos contemporâneos manterem-se atentos em constantes reflexões teóricas e metodológicas sobre o papel da ciência ligada ao seu papel social. Além de estarem prontos para superar quaisquer crises de pensamento, buscando metodologias de entendimento do espaço geográfico.

E essas questões se aplicam também a geografia desenvolvida no ensino básico. Não se pode desconsiderar o importante papel da ciência geográfica na formação do educando cidadão, que pode e deve influenciar na formação de uma sociedade mais justa, igualitária pelo olhar atento as desigualdades sociais, sustentável, com olhar crítico frente as mudanças do espaço e as relações nele estabelecidas.

Na geografia crítica contemporânea não há espaço para uma geografia de memorização descritiva, de reprodução de discursos já produzidos e manipulados pela classe dominante. É necessário o comprometimento dos educadores com o processo de ensino-aprendizagem mesmo em face de dificuldades como as políticas educacionais e do educando na busca pela construção do saber que vai além do trabalhado em sala de aula. É um processo contínuo de pensar, observar, pesquisar, embasar cientificamente as problemáticas, visões das relações espaciais observadas entre outros aspectos.

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. (STRAFORINI, 2004, p.51 apud OLIVEIRA, 2009, p. 4)

Assim, a geografia contemporânea trabalhada na educação desafia o educando a participar ativamente da dinâmica da sociedade intervindo positivamente na realidade em construção e transformação. Estes por sua vez, também devem ser agentes multiplicadores e estimuladores do meio no qual estão inseridos, despertando no outro a mesma visão de cidadania.

3.2 Aspectos históricos da Geografia no Ensino Básico no Brasil

O entendimento e estudo da geografia até início do século XX não é o mesmo do desenvolvimento após este período. Um entendimento de como iniciou a obrigatoriedade da aplicação desse saber nos currículos escolares é necessário para compreensão das mudanças, do que tem permanecido e da importância no estabelecimento da disciplina de geografia no Ensino Básico no Brasil.

Com a independência política do Brasil é que há preocupação com o ensino público, embora na prática fosse mais direcionado para os filhos dos aristocratas. Com a constituição de 1824, art. 179 vem a determinação do ensino para todos em forma de lei, mas não havia escola para todos. A geografia passa a ser institucionalizada como disciplina do currículo escolar a partir da fundação do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, no ano de 1836.

Segundo Campos apud Pinheiro (2003, p. 20),

na organização curricular dessa época, a Geografia aparecia como auxiliar da História, descrevendo aspectos naturais e humanos necessários à compreensão dos fatos históricos. Basicamente a geografia exaltava a natureza, configurando-se uma geografia-nomenclatura, limitada a mapeamento e descrições corógraficas das províncias do Império.

No início do século XX, com Delgado de Carvalho, há uma modificação no programa de ensino da instituição onde era professor. Em 1925, ele publica 'Metodologia do Ensino de Geografia' onde enfatiza o estudo dos aspectos naturais em detrimento dos sociais, propondo que o ensino ocorresse por meio de graus sucessivos de complexidade, partindo do conhecido para o desconhecido, formando assim as bases do ensino da geografia, onde serviria de modelo para todos os colégios brasileiros. Assim, é importante esclarecer que para

Delgado de Carvalho a sociedade continuava em segundo plano, onde a natureza serviria de base para compreensão dos fatos humanos. (PINHEIRO, 2003).

Segundo o autor, com a constituição do Estado-Nação brasileira, os conhecimentos históricos e geográficos, tornaram-se indispensáveis a construção da nacionalidade para propagação da ideia de patriotismo e servindo de instrumento para consolidação da hegemonia do Estado Nacional.

A partir de 1930 com o processo de modernização e expansão industrial no Brasil, a geografia passava a ser obrigatória nas escolas públicas com ênfase na dicotomia da Geografia Tradicional enciclopedista, valorizando a memorização de elementos e fatos e o sentimento nacionalista.

A Geografia, como disciplina escolar, inicialmente, desenvolve-se em função das escolas e das instituições de ensino médio e depois do ensino fundamental (primário). Não é a partir das universidades que a Geografia alcança a rede escolar de ensino elementar e secundário, ao contrário, seu desenvolvimento nesses níveis precedeu o desenvolvimento da Geografia no ensino superior e, por sua vez, na pesquisa acadêmica. (PINHEIRO, 2003, p. 18).

Segundo Gomes (2010) no século XIX foram formados os institutos de pesquisa em Geografia contribuindo com a difusão desse saber. No início do século XX inicia-se a concepção sobre Geografia na escola, mas já os estudos realizados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro eram parecidos com o que estava sendo desenvolvido nas escolas, porém caracterizava-se como uma geografia descritiva e enumerativa. “A obra *Corografia Brasileira* do padre Manoel Aires de Casal exerceu forte influência na Geografia da época. O livro de Casal foi de tamanha importância que serviu de base para a produção didática dos próximos cinquenta anos a partir da sua publicação em 1817”. (GOMES, 2010, p. 26).

A questão do nacionalismo patriótico como principal função desta disciplina, afirma também para mudanças no ensino da Geografia, ou pelo menos dos livros didáticos desta matéria a partir de 1882 com a tradução de A Geike, intitulado *Geografia Física*. Esse livro aborda o ar, a circulação de água na terra, o mar e o interior da terra; esses temas são todos seguidos de questionários. A partir do final do século XIX novos livros didáticos de Geografia começam a aparecer e a mudar os seus estudos como: *Geografia Física* de A. Geike – 1882, *Geografia Elementar* de Tancredo do Amaral – final do século XIX, *Compêndio de Geografia Elementar* de M. Said Ali – 1905, *Geografia do Brasil* de Carlos Miguel Delgado de Carvalho – 1913, *Geografia Elementar* de A. de Rezende Martins – segunda década do século XX, entre outros. (VLACH, 1988 apud GOMES, 2010, p. 27).

Estes caracterizam um novo caminho para a Geografia, alguns influenciados pela Geografia Alemã (Geografia Científica ou Moderna), outros por Karl Ritter e Alexandre Von Humboldt.

Na década de 1950 a disciplina era ensinada em todos os níveis de ensino prescrito pela Portaria do Ministério da Educação e Cultura 966 de 02 de outubro de 1951 e 1045 de 14 de dezembro de 1951.

No Brasil, o percurso das mudanças desencadeadas no pós-guerra foi afetado pelas tensões políticas dos anos de 1960 trazendo modificações no ensino de Geografia e na organização curricular, o que leva ao atraso para despertá-lo da visão de abordagens teórico e conceituais críticas na escola. Segundo Marques (2008), a partir de meados da década de 1970, os movimentos sociais de redemocratização do Brasil é intensificado além do aumento de forma extraordinária as discussões relacionadas à educação de forma geral e especificamente com relação à Geografia.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sancionada em 1961 aconteceram mudanças significativas da disciplina. Segundo Gomes (2010) no ensino ginasial seria ministrada nove disciplinas, onde nos ciclos haveria disciplinas e práticas educativas obrigatórias e optativas. A organização do currículo caberia agora aos Conselhos de Educação onde o de nível Federal deveria indicar até cinco disciplinas obrigatórias e ao Estadual complementar a grade curricular com as disciplinas optativas de cada curso, com prioridade para o ensino de Português. Isso levou a redução do número de aulas da disciplina de geografia em todo o ensino básico e restringido a apenas aos primeiros anos do curso clássico normal.

Com estas mudanças dois aspectos precisam ser destacados: o primeiro é que a formulação do ensino da disciplina passa ser a cargo do Conselho Federal de Educação (CFE) e, em segundo, a necessidade de adaptação dos conteúdos para a redução da carga horária, o que provocava incertezas quanto ao cumprimento do currículo principalmente no Ensino Médio. Conforme pesquisa feita por Gomes (2010) analisando prefácio de livros didáticos como o de Aroldo Azevedo já havia alerta para essas incertezas.

Essa época foi marcada como um período que as teorias críticas ficam em maior evidência. O Movimento de Renovação Geográfica, que já vinha sendo gestado lentamente, nesse período toma corpo e as teorias críticas ganham impulso tanto na Geografia como na Pedagogia. Assim, nesse processo de redemocratização os conhecimentos escolares passaram a ser questionados e as lutas de profissionais desde a sala de aula de todos os níveis educacionais ganham maior expressão. Diante de muitas reivindicações e discussões, em 1979, o Conselho Federal de Educação cede e dá o sinal verde para que Geografia e História voltem a ser

ensinadas separadamente. Assim, na década de 80 aconteceu a reintrodução dessas disciplinas nas classes de 5^a a 8^a séries. (MARQUES, 2008, p. 207).

Entre as décadas de 1950 e 1970, Manuel de Andrade escreve que,

A Reforma de Gustavo Capanema realizada durante o Estado Novo procurou modificar a legislação de ensino, diminuindo a influência das ciências sociais e fortalecendo aquelas disciplinas que dessem menos possibilidades a contestações à ordem pública e social. Daí a supressão da Sociologia, da História, da Filosofia e da Economia Política, dos cursos complementar, e o fortalecimento de disciplina técnicas como Física, Química, Biologia, ao lado de línguas – o Latim, sobretudo – da Geografia e da História. A Geografia, ciência considerada conservadora, foi beneficiada, passando o seu ensino a ser ministrada em todas as séries do curso secundário. Proporcionou que a disciplina fosse ensinada em curso de 07 anos em dois ciclos: a) 1º. Ciclo (ginasial) em 04 séries; 2º. Ciclo (colegial) em 03 séries, subdividido em duas correntes, um intitulado curso científico e outra, clássico. Visava atender às tendências vocacionais dos estudantes ligadas ao período de equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova. Assim, ao curso ginasial de 4 séries ela era ensinada em seus aspectos gerais, físicos e humano... Os programas expedidos pelo Ministério, uniformes para todo país, enquadravam os professores e os autores de livros didáticos quanto aos assuntos a serem ministrados. No curso colegial – que substituiu o complementar nas suas opções clássico e científico – a geografia passou a ser ensinada em três anos, com programas idênticos, sendo a primeira série destinada à Geografia Física, a 2^a a Geografia Regional, em escala universal, e na 3^a a Geografia do Brasil, com um programa voltado sobretudo para os programas humanos. (ANDRADE, 2002 apud FURIM, 2012, p. 32).

No final dos anos de 1980 e início de 1990 vinculado inicialmente aos programas de formação continuada, há uma compreensão e incorporação da Geografia Crítica de forma gradativa, quanto à utilização de livros didáticos fundamentados nessa perspectiva teórica. No entanto, essa incorporação da Geografia Crítica no ensino básico sofreu avanços e retrocessos em função do contexto histórico da década de 1990, quando aconteceram reformas políticas e econômicas vinculadas ao pensamento neoliberal que atingiram a educação.

Entre esses movimentos está o da preparação de mão de obra para suprir as necessidades do mercado capitalista. Com isso, as escolas já na Educação Básica passam a ser alvos considerados necessários para formação do trabalhador, sendo esse assunto bastante discutidos em encontros e conferências a nível mundial. Cabia a escola preparar e formar este trabalhador com “formação para a qualidade total, formação abstrata, poli cognição e qualificação flexível e polivalente” (SHIMIEGUEL, 2009, p. 16). Com isso, organizações financeiras como Banco Mundial, passaram a realizar empréstimos a países como o Brasil com o propósito de atender a essas necessidades.

Neste contexto é aprovado a nova LDB nº 9394/96, bem como a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Ensino Médio, aprovadas em 1998.

A proposta dos PCNs é uma reestruturação curricular para valorizar os conteúdos ligados ao fazer e ao ser do Ensino Fundamental, bem como o desenvolvimento das competências do Ensino Médio, entendidas como capacidade de agir de modo eficaz numa situação específica, apoiado em conhecimentos, sem se limitar a eles.

Os currículos de ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais de sociedade, da cultura, da economia e da clientela (LDB, 1996, art. 26).

A União incumbir-se-á de estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos de modo a assegurar a formação básica comum. (LDB, 1996, art. 9º, p. 29).

Com essas mudanças, o ensino da Geografia aos poucos vai se revitalizando no Ensino Básico. Contudo até os dias atuais essas não são significativas por ainda fazer parte do currículo escolar de forma secundária.

Sabemos que nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental as aulas de Geografia, assim como das outras disciplinas que não sejam Português e Matemática, ocupam um papel secundário, muitas vezes irrelevante no cotidiano da escola. Sabemos que isso decorre da falta de discussões teóricas, metodológicas e epistemológicas, bem como do grande problema na formação dos professores das séries iniciais, que assumem as suas dificuldades perante a discussão teórica das referidas disciplinas. (STRAFORINI, 2002, p.96).

A intenção do Ministério da Educação e Cultura (MEC) era por meio da indicação dos conteúdos e capacidades a serem adquiridas, pelos alunos, ao final do ensino básico em todo País, de forma que obtivessem a definição de uma base de ensino comum. E isso seria alcançado por meio de participação e elaboração conjunta de todos os interessados no assunto através de suas organizações. Contudo, essa participação não aconteceu de forma democrática e os PCNs ficaram aquém do esperado, onde segundo Marques (2008) com textos muito teóricos, em alguns trechos detalhistas e ambíguos.

Mexe-se no currículo, mas não são pensadas ações que ofereçam aos professores distribuídos por todo o território brasileiro momentos de reflexão no sentido de valorizar a interdisciplinaridade e os trabalhos coletivos em uma sociedade e em uma organização escolar na qual prevalece o individual, para não dizer o individualismo, em que as disciplinas estão extremamente compartimentadas, não

considerando as fronteiras indelévels existentes entre elas. (PONTUSCHKA, 1999, apud MARQUES, 2008, p. 208).

Assim, pode-se dizer que esse currículo organizado pelos PCNs não faz superar problemas na educação brasileira no que diz respeito a transpassar a escola positivista (escola tradicional). No caso da Geografia ainda persiste em muitas escolas até hoje o ensino baseado na dualidade Geografia Física, Humana, Econômica como saberes separados, o ensino baseado na memorização, descrição de modo que muitos professores e alunos ainda não se encontraram como conhecedores de si mesmos como sujeitos inseridos no contexto educacional e social.

3.3 Aspectos legais do Ensino de Geografia no Ensino Básico: firmando os saberes geográficos

Até 1971 o ensino obrigatório e gratuito era de apenas quatro anos - o então chamado curso primário. Após 1971 passou a ser de oito anos e em 2010 de nove, com a decisão de iniciar o Ensino Fundamental aos 6 anos de idade.

A estrutura de nove anos é constituída de dois ciclos: o dos anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano). Além do ensino fundamental as escolas públicas estaduais são obrigadas a oferecer o ensino médio dividido em 3 (três) anos.

Os PCNs estipulados pelo Plano Nacional de Educação afirma a obrigatoriedade do Estado oferecer "Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria". Propõe, então, uma reestruturação curricular que valorize os conteúdos procedimentais e atitudinais (Ensino Fundamental) ligados ao fazer e ao ser, bem como o desenvolvimento das competências (Ensino Médio), entendidas como capacidade de agir de modo eficaz numa situação específica, apoiado em conhecimentos sem se limitar a eles.

Para garantir a democratização do acesso e as condições de permanência na escola durante as três etapas da educação básica – educação infantil, ensino fundamental e médio, o Governo Federal elaborou a proposta do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação). A Proposta de Emenda a Constituição (PEC) do Fundeb foi construída com a participação dos

dirigentes das redes de ensino e de diversos seguimentos da sociedade. Dessa forma colocou-se acima das diferenças o interesse maior pela educação pública de qualidade.

Em relação ao ensino médio várias foram as ações de fortalecimento dessa etapa do ensino destacando-se o PRODEB (Programa de Equalização das Oportunidades de Acesso à Educação Básica) e a implementação do PNLEM (Programa Nacional do Livro do Ensino Médio). A Secretaria de Educação Básica MEC passou a publicar livros para o professor a fim de apoiar o trabalho científico e pedagógico do docente em sala de aula. Além disso, foi institucionalizada a opção de ensino médio integrado à educação profissional, preparando os estudantes não só para a educação superior, mas para formação profissional.

De acordo com a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e suas emendas os currículos do ensino fundamental e médio passam a compreender uma base nacional comum que deve ser complementada por uma parte diversificada de acordo com as características regionais (art. 26).

Fica sugerida uma flexibilização dos currículos na medida em que se admite a incorporação de disciplinas que podem ser escolhidas levando em conta o contexto e a clientela. No ensino nas zonas rurais é admitida inclusive a possibilidade de um currículo apropriado as reais necessidades e interesses [desses] alunos (art. 28, inciso I). Esse é um aspecto importantíssimo no que corresponde à adaptação as necessidades e realidades locais.

No que corresponde ao ensino de geografia e de outras disciplinas para a população do campo, por exemplo, não só essa LDB, mas também os movimentos sociais de luta pelos direitos dessa parcela da população brasileira levaram ao despertar para que a escola e o educador tenham um olhar para suas reais necessidades e assim, uma educação sensível que contempla as relações com o trabalho da terra e o vínculo entre educação e a cultura local e a escola um espaço de desenvolvimento cultural de toda a comunidade.

Nos termos da lei a verificação do rendimento escolar deve ser contínua e cumulativa e a recuperação deve dar-se de preferência paralelamente ao período letivo (art. 24). Continua a exigência do mínimo de 75% de frequência, exceto para os sistemas de ensino não presenciais (educação à distância).

Abranger obrigatoriamente o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, além do ensino das Artes, Educação Física e a História levando em conta também etnias e as diferentes culturas que formam o Brasil.

Embora os Parâmetros Curriculares propostos e encaminhados às escolas pelo MEC sejam Nacionais, não têm, no entanto, caráter obrigatório, respeitando o princípio federativo

de colaboração nacional. De todo modo, cabe à União, através do próprio MEC o estabelecimento de conteúdos mínimos para a chamada Base Nacional Comum (LDB, art. 9º).

IV- Em todas as escolas, deverá ser garantida a igualdade de acesso dos alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional; a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que visa estabelecer a relação entre a Educação Fundamental.

Nos currículos escolares deve existir uma articulação entre os saberes de forma a integrar os diversos conteúdos para uma aprendizagem integrada por meio de projetos interdisciplinares e não apenas retalhos de saberes sem nenhuma relação.

Assim, para ensinar Geografia é preciso avaliar os conteúdos desenvolvidos nas escolas e isto significa refletir também sobre os currículos mínimos no Ensino Fundamental e Médio dentro do que regem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1997) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacionais – LDB, Lei nº 9.304/96 (1996). Finalmente apesar da individualidade que a ciência geográfica traz na discussão sobre espaço, é importante a sua articulação na perspectiva de uma discussão interdisciplinar.

4 PRÁTICAS COTIDIANAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO

Para Paulo Freire ensinar não é transferir conhecimentos-conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem os discentes, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2005, p. 23).

Nesta relação a importância do papel do educador se dá em não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo (FREIRE, 2005, p. 26-27) e “se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” (FREIRE, 2005, p. 33).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que o educando em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se (...) como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. (FREIRE, 2005, p. 41).

Nesse processo de formação da consciência, ou de um homem que pensa sua concretude no contexto da realidade histórico-sócio-cultural do mundo, o sentido de cidadania participativa, democrática, atuante, unifica os processos da vida real e incorpora experiências, sentidos, significados e representações – inclusive, reflexos ideológicos e ecos desse processo de vida, na vida (FREIRE, 2005 apud NOGUEIRA; CARNEIRO, 2009, p.2).

A posição crítica e refletiva das relações espaciais descritas anteriormente também proporciona ao educando uma atenção maior a práticas sociais manipuladoras.

Assim, “os atos de ler o mundo, indagar-se sobre ele, questioná-lo, explicá-lo, implica – ao educador – entender a educação geográfica como processo que entende o sujeito-aluno enquanto agenciador alguém que, ao ler o mundo, projeta um mundo; e a Geografia escolar assume capital relevância na formação da consciência espacial-cidadã”. (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2009, p. 3)

Estes são aspectos fundamentais para desenvolvimento e formação do educando, mas que diverge da realidade observada nas escolas públicas e privada. Nessas observa-se alunos desmotivados, despreparados para a vida para exercerem um papel relevante como cidadãos, que não compreendem a importância e necessidade da busca do saber considerando apenas

como necessidade a memorização para obtenção de notas. Observam-se professores desmotivados com as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar como: salários defasados, falta de material didático, mau comportamento, desrespeito, atos agressivos e violentos de muitos alunos, cobranças da direção ou instituições superiores que reduz do docente a liberdade de planejamentos e muitas vezes não condiz com a realidade vivenciada, além de estarem despreparados para as mudanças tecnológicas e entender as necessidades da atual geração cibernética. Enfim, estas podem ser realidades que desviam os professores de geografia do que deveria ser seu verdadeiro foco citado no parágrafo anterior.

É preciso pensar as influências e/ou os poderes envolvidos no processo didático pedagógico, a reprodução de modelos tradicionais repetitivos ao longo das gerações. Paulo Freire traz o seguinte pensamento em uma de suas obras:

[...] A tradição pedagógica insiste ainda hoje em limitar o pedagógico à sala de aula, à relação professor-aluno, educador-educando, ao diálogo singular ou plural entre duas ou várias pessoas. Não seria esta uma forma de cercear, de limitar a ação pedagógica? (FREIRE, 1994, apud SOUTO, 2013, p. 4).

Souto (2013, p. 4) aborda que o sentido do verdadeiro papel da educação não é uma “reprodução de modelos já existentes de acordo com gerações anteriores, mas sim a formação da personalidade do indivíduo crítico conhecedor de seu espaço no mundo e capaz de interagir com ele na construção de um melhor, onde sejam respeitadas as diferenças individuais e culturais de uma sociedade crítica e esclarecida a tal ponto que o principal interesse seja a diversidade”.

Segundo Leida Raasch, o educador é o coordenar do ensino de conceitos e deve proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem dentro e fora da sala de aula onde neste último caso, os pais ou responsáveis e a família exercem um papel imprescindível para o processo ensino-aprendizagem. O professor e a família devem dividir essa responsabilidade.

Souto (2013) ressalta ainda que para autonomia moral do indivíduo seja imprescindível que o ambiente propiciado na escola seja cooperativo, pois as virtudes morais não são transmitidas verbalmente, mas construídas nas relações interpessoais.

Acredito ser o grande desafio do professor da atualidade a averiguação das razões da ausência da motivação do aluno para a aprendizagem, analisá-las e buscar estratégias eficazes que ajudem a reverter esse quadro. Para Mizukami (1986, p.77) "cabará ao professor criar situações propiciando condições onde possam se estabelecer reciprocidade intelectual e cooperação ao mesmo tempo moral e racional”.

Para o cotidiano em sala de aula o educador não pode deixar de interagir com o educando, entre outras formas explorando os conteúdos a partir do conhecimento prévio desse em relação aos novos conteúdos trabalhados. Dessa forma obtém pistas do perfil destes alunos, o que eles sabem e ignoram e assim o próprio educador poderá traçar seus planos de aula e projetos de ação para que haja um desenvolvimento progressivo no processo de ensino e aprendizagem do educando.

No ensino da geografia é imprescindível a associação dos conteúdos e práticas pedagógicas a realidade de vida do educando e despertar neles o desejo de ampliação da sua visão e conhecimentos do espaço, desde âmbito local ao mundial.

Essas associações levam a sua formação cidadã por compreender que os conteúdos trabalhados fazem parte do seu cotidiano, podendo utilizá-los em suas vidas, entendendo assim que não são apenas para notas, para memorizações, mas são úteis para cada um como cidadãos inseridos como seres sociais, que se relacionam e contribuem para o desenvolvimento social, político, econômico e cultural da sociedade. Em Geografia os conteúdos guardam uma relação estreita com o mundo experiencial. Segundo documento publicado pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo,

parte do distanciamento entre o mundo real e o mundo ensinado na escola, e percebida pelos estudantes e professores, reside no fato de o currículo se organizar em termos de disciplinas compartimentalizadas, distantes da realidade da escola, e muitas vezes pelo trabalho estruturado a partir de interferências não ajustadas ao conhecimento de realidade que os estudantes possuem. Na verdade, os conteúdos ensinados nas diferentes disciplinas estão demasiadamente marcados por idealizações, simplificações e restrições. Isso dificulta sua aplicação no momento de lidar com a diversidade e complexidade do mundo. (São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação, 2007, p. 70).

Cabe, portanto, ao professor contemporâneo está atento a essas questões e no processo contínuo de aperfeiçoamento saber ler os perfis do educando e trabalhar adequando-os as novas realidades, necessidades, usando de todas as ferramentas inclusive as tecnológicas que estiverem ao seu alcance.

4.1 Currículo e metodologia de geografia no Ensino Básico

Segundo Ferreira; Alves (2009) o Currículo Básico Comum e a LDB têm como objetivo orientar e regularizar os conhecimentos escolares de forma aos professores o

tomarem como base para elaboração de suas práticas pedagógicas e currículo. É através desse que teoria e prática são redigidas e a escola estabelece o tipo de formação que se pretende, além do estabelecimento de objetivos e ideais da escola.

A partir da segunda metade do século XX, a uma intensa evolução e transformação do espaço geográfico refletindo no currículo geográfico escolar visando melhorias no processo educacional, onde conforme Ferreira e Alves (2009, p. 2) “estas novas propostas objetivam recriar os métodos, buscando com que o conhecimento seja construído entre professor e aluno”.

Na organização curricular os conteúdos a serem trabalhados na escola não devem se esgotar ou restringir ao proposto, mas corresponder a assuntos considerados importantes a serem abordados e refletidos na sala de aula. Assim, o currículo indica habilidades, competências, domínios, capacitações que o educador não pode deixar de ter, desenvolver e aperfeiçoar num processo constante de revisão de suas práticas pedagógicas e didática em sala de aula.

A organização curricular corresponde à ação dos professores para os conteúdos e conceitos, sua didática. No caso da geografia sua relação entre teoria e prática, ou seja, relação das abordagens em sala de aula com o espaço vivido pelo educando cidadão.

[...] no conjunto de atividades desenvolvidas pela escola, na distribuição das disciplinas/áreas de estudo (as matérias, ou componentes curriculares), por série, grau, nível, modalidade de ensino e respectiva carga-horária – aquilo que se convencionou chamar de “grade curricular”. Compreende também os programas, que dispõem os conteúdos básicos de cada componente e as indicações metodológicas para seu desenvolvimento. Por conseguinte, a organização curricular supõe a organização do trabalho pedagógico. Isto quer dizer que o saber escolar, organizado e disposto especificamente para fins de ensino-aprendizagem, compreende não só aspectos ligados à seleção dos conteúdos, mas também os referentes a métodos, procedimentos, técnicas, recursos empregados na educação escolar. Consubstancia-se, pois, tanto no Currículo quanto na Didática. (SAVIANI, 1995, p. 29)

É importante destacar que a geografia escolar tem identidade própria, embora ainda se queira absorver como fonte alimentadora, a Geografia Acadêmica. Talvez por esquecimento de que os educadores saíram da Academia para a escola e que podem continuar produzindo pesquisa, ou também por falta de perspectiva e motivação desses que, por sua vez, não incentivam o educando a pesquisa e a produção do saber.

A própria cultura acadêmica, desde as séries iniciais, contribui para que não haja o fomento da pesquisa como parte essencial no processo de formação dos que frequentam a escola, pois ainda é visível o culto ao enciclopedismo, que incrementa

a modalidade de ensino-aprendizagem centrada em pseudoleituras que enfatizam a memorização de informações. Por serem procedimentos limitados, aquelas nem chegam perto de gerar inquietações capazes de criar possibilidades de refutar determinados pressupostos teóricos construídos por aqueles que são denominados pesquisadores. (GONZAGA, 2006, p. 65).

A escola se trata de um corpo de conhecimentos produzidos a partir das práticas escolares, crenças, didática, das diretrizes curriculares, livros didáticos, dos saberes pedagógicos dos professores e de como estes incentivam o desenvolvimento do saber dos alunos.

Uma metodologia de ação que pode ser adotada pelos educadores é a pesquisa-ação, que corresponde a uma atividade empreendida por grupos com o objetivo de modificar suas circunstâncias a partir de valores humanos partilhados, com ênfase em conhecer e atuar dentro de um problema identificado. Ou seja, o educador irá trabalhar com o educando o desenvolvimento de uma pesquisa, ao invés de limitar-se a utilizar um saber existente (pesquisa aplicada). Na educação a pesquisa-ação “busca estratégias de mudança e transformação para melhorar a realidade concreta que se opera. O professor procura trabalhar o conhecimento existente, convertendo-o em hipóteses-ação, e procura estabelecer uma relação entre a teoria, a ação e o contexto particular” de forma que os problemas surgirão com a prática. Esta é uma pesquisa que visa melhorar a atividade educativa. (PEREIRA, 1998, p. 163).

Outro aspecto importante em relação às metodologias de ensino da geografia é que devem acompanhar as inovações técnico-científicas e teórico-metodológico da ciência geográfica. Já em relação ao currículo geográfico escolar, o professor contemporâneo, irá trabalhar os conteúdos valorizando as vivências do educando utilizando atividades crítico-reflexivo.

O objetivo do currículo geográfico da educação básica é preparar o aluno para o processo de educação permanente, desenvolver autonomia, promover ensino de qualidade.

A seguir uma descrição resumida das abordagens para a grade curricular da geografia escolar para o ensino básico fundamental conforme apresentado por Dadá Martins; Francisco Bigotto; Márcio Vitiello (2012) numa coleção de 4 volumes da editora educacional e para o ensino médio apresentado por Demétrio Magnoli (2010).

Tabela 1. Descrição da grade curricular do ensino da geografia na Educação Básica

Ano	DESCRIÇÃO DA GRADE CURRICULAR	BASE DE REFLEXÃO
6º	Fundamentos do espaço geográfico Abordagem de conceitos como lugar, paisagem e espaço geográfico; noções de cartografia, localização e orientação espacial como por meio de coordenadas geográficas; concepções sobre a origem da Terra e do Universo; características físicas da Terra.	Processo de ocupação e exploração que a sociedade humana promoveu no meio natural ao longo do tempo, abordando as consequências disso para o desequilíbrio ambiental do planeta.
7º	Espaço Brasileiro Abordagem de conceitos de território, região, regionalização, fronteiras, municípios, meio rural, meio urbano; processos de urbanização, industrialização, produção e reprodução do espaço geográfico brasileiro; fontes de energia, meios de transporte e circulação.	Desenvolvimento de uma visão mais ampla e consciente da produção do território brasileiro.
8º	Espaço Mundial I Será estudado o espaço geográfico mundial; o conjunto de países considerados pobres ou “subdesenvolvidos”; abordagem dos domínios naturais em uma escala global; rediscussão do conceito de região; análise do processo de constituição dos países subdesenvolvidos; a questão demográfica mundial.	Análise comparativa entre os países ricos e pobres, com a finalidade é estabelecer relação entre este ano e o próximo ano.
9º	Espaço Mundial II Atenção dada aos países desenvolvidos; discussão de questões de caráter temático e conceitual, como o papel do desenvolvimento técnico-científico na transformação do espaço mundial, o processo de globalização e o de formação do mundo desenvolvido e suas principais características; abordagem das diferentes regiões do mundo desenvolvido, como a América Anglo-Saxônica, Europa, Rússia, Japão e os países da Oceania.	Levar a compreensão por parte dos alunos das transformações ocorridas no espaço geográfico, para entendimento do mundo atual, a questão ambiental e seus desequilíbrios, conflitos e desafios do mundo contemporâneo.
1º	Meio natural e espaço geográfico Evolução do pensamento geográfico, desenvolvimento de conceitos de meio natural e de espaço geográfico.	Construção das noções de recursos naturais, tecnologias e trabalho social.
2º	Brasil, Estado e espaço geográfico Abordagem da organização do espaço geográfico brasileiro.	Investigação direcionada para a produção do território nacional, que é uma expressão das características sociais da nação e das características políticas do Estado brasileiro.
3º	Sistema mundial, globalização, geopolítica.	Conhecimento sobre economia, política e perfil social num panorama global.

Fonte: Ensino fundamental - MARTINS; BIGOTTO; VITIELLO (2012). Ensino médio - MAGNOLI (2010).

Os eixos temáticos acima expostos correspondem aos conteúdos que estruturam a disciplina e são suficientes para proporcionar ao educando nesta fase escolar do ensino básico, desenvolver o saber referente ao objeto de estudo da geografia que é o espaço geográfico.

Para o desenvolvimento e alcance da maturidade do educando, o educador deve incentivar a pensar, a pesquisar, a ser curioso, a questionar por meio de diálogos, trocas de experiências contribuindo para a formação de cidadãos em constante processo de novos aprendizados e desenvolvimento do seu senso crítico, sua criatividade e o seu raciocínio.

E, por fim, neste processo de acompanhamento da evolução da maturidade do saber do educando estão as avaliações. Estas devem ser realizadas em um processo contínuo, por diferentes momentos, estratégias de ação e análise de como está o aproveitamento ou aprendizagem dos alunos.

4.2 Olhar sobre os desafios docente

No item anterior viu-se a grande importância da definição de um currículo escolar por corresponder ao que se espera da aprendizagem, reflexão do educando e relação entre os saberes mínimos necessários e relevantes ao desenvolvimento destes na sociedade do século XXI.

Contudo, essa não deve ser uma responsabilidade apenas do professor de geografia ou dos professores de um modo geral, mas para se ter uma educação de qualidade, não se deve restringir âmbito interno da escola. É necessário a sua abertura de forma prática e ativa por todos que compõe o corpo escolar para uma interação com os pais, com a sociedade, corpo governamental, entre outros. Assim é preciso uma escola de vivências. Segundo Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (2007, p.11), “de vivências sociais, de convivência democrática e, ao mesmo tempo, de apropriação, construção e divulgação de conhecimentos, como também de transformações de condições de vida do educando que a frequentam” – sendo esta a educação de qualidade.

Nesse aspecto está o grande desafio do educador do presente século. Contudo, o que menos se observa são escolas com estes envolvimento sociais. Além da escola, infelizmente uma menor parcela dos educadores estão abertos a essa visão integradora. Como agentes de maior contato com o educando e de incentivadores deste, os professores devem preocupar-se sempre em reciclar-se, fazer novos cursos de formação, acompanhar as transformações do meio no qual está inserido. Não basta o educador sair da academia e expor conteúdos, é preciso está em constante processo de aquisição de novos saberes, usar as novas tecnologias e linguagens a sua disposição e suas experiências e de outros a seu favor.

Uma revista de grande circulação estampou uma reportagem que apresenta as soluções de dois experts norte americanas para um ensino de qualidade. Para eles, a excelência técnica do professor é o maior diferencial no processo de ensino e aprendizagem. Os dois autores, por caminhos distintos, desvalorizam as teorias da educação, resultantes de décadas de acúmulo de conhecimento, em prol de um

conhecimento prático, baseado na observação das técnicas utilizadas por professores considerados por eles “campeões” e “líderes”. (ALCÂNTARA, 2010, p.1)

Para isso, este deve primeiramente gostar do que faz e isso corresponde a uma relação professor/aluno com motivação, alegria, objetivos definidos.

No que corresponde ao profissional de geografia, além dos aspectos apresentados anteriormente e conhecimento da matéria, é preciso está atento à associação dos conteúdos estudados com a leitura de mundo, com a vivência do educando, utilizando-se da geografia contemporânea e este é um dos grandes desafios do educador geógrafo. Desafio de não ser transmissor do saber, mas incentivador do pensar, indicando ao educando o caminho para aquisição do saber a ser usado para a vida toda, não apenas na escola. Conforme Moran (2009) o professor precisa questionar, criar tensões produtivas e provocar o nível da compreensão existente.

Outra questão importante é do professor ser agente motivador e incentivador dos alunos. Primeiramente é preciso conhecer o perfil destes alunos do século XXI, chamados como geração Y nascida depois dos anos 80 e conforme Meister (2010, p. 1) “que faz da tecnologia não uma extensão do corpo, mas o seu próprio corpo, não somente de forma metafórica, mas de forma real, física, pela aderência de equipamentos tecnológicos que lhe dão mobilidade e desprendimento”. De forma que, conforme estudiosos, para se falar com essa geração há formas de comunicação particulares com as capacidades perceptivas.

Essa é uma geração em que o seu processo de aprendizagem está ligado diretamente com o seu cotidiano em contínuas mudanças. Segundo Meister (2010, p.62) a escola deve trabalhar “com a flexibilidade e a diversidade para estabelecer uma relação rica e integrada em torno da aprendizagem”. Ainda esta autora apresenta uma abordagem do pesquisador Winveen da Universidade de tecnologia de Delf, onde coloca a educação, tecnologia e processo de mudança como integrantes de um mesmo ecossistema uma “geração emergente diante da globalização conectada e ligada em rede, que processa a sobrecarga de informação através de tecnologias e meios diversos pautados na escolha, na percepção do mundo como um quadro em que a distância física não representa problema ou restrição à comunicação sob o signo da não-linearidade”. (MEISTER, 2010, p. 62).

Então, como trabalhar com essa geração. O autor apresenta dois aspectos: um que as tecnologias são meio para um fim e a escola é parte da vida para estas pessoas, ou seja, estes realizam outras atividades além de está na escola e exercer as atribuições inerentes a ela. Mas esse é um ponto de conflito, onde se costuma pensar que o educando não tem outra atividade diferente do estudo. Um segundo conflito corresponde a dificuldade da maior parte das

escolas e dos educadores não estarem conectados as novas tecnologias como, por exemplo, uso de computadores, internet como fonte de pesquisa, equipamentos multimídia como os tablets, ministrar aulas ou realizar acompanhamentos a distancias por meio da internet, grupos ou fórum de debates online (chat), off-line (fórum), uso de portfólio onde os trabalhos dos alunos são organizados em pastas para consulta do mesmo posteriormente, blogs, entre outros. Então esse é mais um grande desafio para o educador, o de saber usar do perfil dessa geração para incentivar no processo da aprendizagem a iniciar pelo próprio educador que deve adequar-se a esse perfil.

O professor é um pesquisador – junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional. Os professores podem ajudar os alunos incentivando-os, a saber, perguntar, a focar questões importantes, a ter critérios na escolha de *sites*, de avaliação de páginas, a comparar textos com visões diferentes. Os professores podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Podem propor temas interessantes e caminhar dos níveis mais simples de investigação para os mais complexos; das páginas mais coloridas e estimulantes para as mais abstratas; dos vídeos e narrativas impactantes para os contextos mais abrangentes e assim ajudar a desenvolver um pensamento arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua. (MORAN, 2009, p.101-111).

Outra atividade prática proposta por Moran (2009) de ação do educando é a realização junto com os alunos de projetos e publicá-los em revistas, congressos de forma a ser avaliado e conhecido por terceiros. Com isto os alunos do ensino básico vão adquirindo maturidade na produção científica, a escola contribui com a comunidade no qual está inserida e há uma troca de experiência entre as escolas.

Não há dúvida do quanto é necessário uma grande dedicação e amor para a prática constante deste perfil profissional. Os obstáculos são imensos. A falta de incentivo por parte do Estado em relação a salário que são defasados e aquém a que um educador é digno de receber; a falta de infraestrutura e indisponibilidade de recursos materiais necessários; a indisciplina e descompromisso com o desejo de querer aprender de muitos alunos; a falta de conhecimento ou total indisposição dos educadores para uso das ferramentas tecnológicas, entre outros aspectos, levam a desmotivações e até a falta de compromisso do professor ser esse articulador da aprendizagem.

Mas para Moran (2009) esses são compromissos e desafios assumidos pelo educador para alcance de uma educação de qualidade, ou seja, o de avançar mais rapidamente da informação para o conhecimento e pela aprendizagem continuada e profunda chegar-se à sabedoria.

5 UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS SABERES GEOGRÁFICOS: ESCOLA CENTRO PROFISSIONALIZANTE DEPUTADO ANTÔNIO CABRAL VERSUS ESCOLAS INSTITUTO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E INSTITUTO INFANTO JUVENIL

Para este estudo, os dados coletados serão primeiramente apresentados de forma comparativa entre a escola pública e as escolas particulares através de um panorama geral dos olhares do educando de cada ano escolar e dos educadores sobre a construção do saber geográfico e a formação de cidadãos.

5.1 Resultados da pesquisa

Analisando primeiramente as colocações dos educadores percebe-se que apresentam perfil de geógrafos contemporâneos, facilitadores no despertar do olhar crítico no educando acerca das relações entre os homens e esses com o meio ambiente e que são dispostos a incentivar a pensar, dialogar e inclusive a vê-los integrados como parte deste sistema de relações sociais. Contudo, na prática, observa-se prevalecendo a “velha” e ainda tão atual nas salas de aula geografia tradicional principalmente na escola pública. Embora haja justificativas para a prática de ensino-aprendizagem observada, fica evidente pelas respostas dos alunos que é uma prática memorativa ou decorativa do professor detentor do saber e o dever do aluno de está em sala para absorver o que esse repassa e quando repassa algo, já que essa foi uma crítica de muitos educando, em sua maioria do ensino fundamental.

Conforme Oliveira (2009, p. 2) “quando se coloca os conteúdos de geografia, verifica-se que muitas vezes os mesmos são trabalhados incoerentemente deixando uma lacuna no educando e até a insatisfação no educador”. Essa é uma verdade observada em frases colocadas pelos alunos quando perguntado – como avaliam as aulas de geografia e o motivo da avaliação? Muitos da escola pública responderam: “péssimas, porque o professor não sabe ensinar”, “boa por entender bem”, “razoáveis, porque o professor não tem dinâmica”, “o professor poderia melhorar em relação a explicação correta de conteúdos”. Da mesma forma na escola particular também se observa o pensamento tradicional principalmente nas respostas da maioria dos alunos do fundamental, tais como: “gosto da

maneira com que o professor explica a matéria”, “pelo modo como o professor ensina, me dou bem na matéria”, “o professor deixa o assunto fixado nas nossas cabeças”, “a professora procura explicar de uma forma que todos entendam”. Todavia dentre as respostas a primeira questão, são os alunos do ensino particular, conforme pode ser observado na tabela 03 (item 5.1.2), que estão desenvolvendo melhor a consciência crítica em relação aos conteúdos da disciplina e o desejo de refletir sobre esses, onde somente dois alunos do ensino público responderam: “importante por ensinar a ser um cidadão e reparar o espaço geográfico de outro modo”, “falta mais debates entre alunos e alunos, e alunos e professores”, mostrando este despertar para a existência de um espaço geográfico e que é necessário debater sobre ele, não só entre alunos e professores, mas entre eles mesmos pensando assim criticamente.

Em relação ao papel do professor no ensino da geografia, todos de ambas as redes de ensino se colocaram como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem e responsáveis por ajudar o educando a compreender as relações sócio/espaciais, associar ao seu cotidiano e assim despertar seu senso crítico. Mas como observado, o educador não tem conseguido despertar, principalmente na escola pública essa visão nos seu educando. E nesse último aspecto uma das formas de um melhor resultado é por meio da relação desenvolvida ou almejada entre professor-aluno pergunta de número três e quatro do questionário com educadores. Na escola pública os professores responderam que é preciso amizade, respeito, comprometimento, mas deixando claro que há um limite nessa relação como uma frase posta por um dos professores “professor manda” e isso pode ser uma das causas para os conflitos apresentados por eles mesmos e pelo educando. Os da rede particular colocaram a questão do respeito, amizade e confiança. Agora em ambos os sistemas de ensino o educando talvez pela pergunta ter sido feita indireta, apresentaram desejo de relação voltada ao processo de ensino-aprendizagem e a forma mais próxima por eles expressada foi relacionado a aulas mais dinâmicas, interativas e “extrovertidas”, palavra utilizada por muitos alunos.

Quanto aos recursos didáticos os educadores estão cientes de que na atual sociedade científico-tecnológicas no qual estão inseridos é imprescindível o uso de recursos além das aulas expositivas como: data show, filmes, músicas, charges, revistas, poesia, livro, internet, exploração de textos, atividades de pesquisa, debate e discussões, vídeo, material didático impresso, mapas, globo, jornais, documentários, programas de televisão.

A busca pela qualidade do ensino deve ser uma constante na vida do geógrafo-educador, quando se coloca o uso dos recursos didáticos. Evidencia-se que estes recursos, com o uso do livro didático, propiciam ao professor adotar uma

metodologia mais participativa. Ao propor uma metodologia em que o aluno se sinta inserido, o nível de aprendizagem será bem melhor. (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Na prática pelas respostas dos alunos pouco se têm utilizado recursos didáticos variados. Pelo que alguns educadores responderam, isso ocorre mais pela falta de equipamentos e quando tem, são insuficientes para atender a demanda. Esse é também um grande desafio do educador contemporâneo diversificar sua prática pedagógica para chamar a atenção do educando, hoje atento a essa questão e que sabe da sua necessidade, inclusive enumerando os recursos que o professor de geografia pode utilizar (conforme respostas no questionário do educando), além de tomá-los como incentivadores para uma maior motivação e participação no processo de ensino-aprendizagem. Esse processo juntamente com o da relação professor-aluno, pode minimizar o grande nível de desinteresse e participação do educando relatado no seu questionário e no dos próprios educadores.

Quanto à contribuição do educador no processo de formação da cidadania, as respostas foram afirmativas de que assim buscam contribuir, mas os meios para esse fim divergiram. Os educadores da rede pública tiveram como ponto de pensamento em comum que esse processo ocorre a partir das reflexões teóricas com textos críticos que estimulem o educando a pensar; já os da rede particular, o ponto de pensamento em comum para instigar a cidadania no educando é por meio de debates em sala de modo que se posicionem em relação ao tema abordado. Em relação às respostas do educando na participação social destes enquanto cidadãos, é mais clara e evidente uma maior maturidade e início de conhecimento crítico, divergindo apenas pela questão da faixa etária e ano de ensino dos alunos das escolas particulares. Contudo, há uma questão importante e que deve ser registrada no que corresponde aos alunos das escolas particulares que responderam ao questionário. É que eles foram escolhidos pela coordenação da escola dentre os melhores das turmas o que não corresponde a totalidade conforme colocou os professores dessa rede de ensino quando falaram sobre o nível de interesse e participação. Mas essa observação não tira os méritos de que o educando da rede particular tem buscado cumprir seu papel. Há ainda muito a ser melhorado para que o ensino de qualidade atinja a maioria tanto da escola pública quanto da particular, mas não se pode negar a diferença na qualidade do ensino das escolas particulares para as escolas públicas e que precisam ser reduzidas, pensadas por todos que compõe o sistema de ensino público educadores, educando, país, Estado e sociedade como um todo.

O educando das duas redes de ensino demonstraram ter consciência de que o saber geográfico não é apenas para notas, aprovação, mas é importante para suas vidas.

Para o educador, segundo Oliveira (2009, p. 3),

percebe-se, a necessidade da definição da metodologia a ser adotada em sala de aula, nota-se que as dificuldades encontradas na aprendizagem se dão diante da ausência de métodos que focalizem aluno, professor e conteúdos e que favoreçam a construção do conhecimento geográfico que reflita na aprendizagem do aluno e na sua formação para a vida.

Para Kaercher (2003, apud OLIVEIRA, 2009, p.3)

“(...) A geografia não deve se restringir às aparências, ao visível (...) a geografia deve falar, sobretudo, das pessoas. São elas que com seu trabalho, modificam o espaço e os lugares. Riquezas, mapas, cidades e países são frutos do trabalho destas pessoas, principalmente dos mais humildes. E como vive este homem? O que lhe resta depois do trabalho?”

Essas reflexões sobre as respostas aos questionários (com educando e educadores) apresentaram o perfil não tão dualista de uma escola pública para uma particular no que corresponde ao despertar nos alunos o desejo de querer aprender de ter aulas dinâmicas, motivadoras. Sabe-se que o perfil social, econômico, de estrutura familiar, assim como quantitativo de alunos por sala de aula, equipamentos disponíveis, interferências políticas, motivação e compromisso dos educadores entre outros contextos, contribuem para uma dualidade das duas redes de ensino. E estas são importantes questões a serem pensadas, executadas e melhoradas diariamente e constantemente.

“A importância da geografia escolar é indiscutível para a formação do educando e para a consolidação de uma sociedade sustentável.” (OLIVEIRA, 2009, p.2)

5.1.1 Questionário com educadores

Será feito uma apresentação das perguntas e respostas como forma de proporcionar a confrontação das respostas para análise e entendimento das principais dualidades em relação ao que pensam os educadores da rede pública e da rede particular de ensino e posteriormente as palavras destes e como estão de fato sendo refletida no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Da rede pública o questionário foi respondido por cinco educadores. E da rede particular de ensino por dois educadores.

Tabela 02 – Perguntas e respostas dos educadores sobre o questionário de pesquisa aplicado

Pública	Particular
1. Para você, qual a importância da disciplina da geografia na educação básica?	
<p>✓ Poder analisar as questões sociais e transformá-la por meio do conhecimento geográfico crítico, este contribui para uma sociedade melhor. Ajuda no entendimento do espaço que a sociedade habita, espaço esse em permanente transformação.</p> <p>Ponto em comum entre todos os professores: auxilia em uma melhor compreensão do mundo.</p>	<p>✓ Abre novos horizontes quando bem estudada;</p> <p>✓ A geografia é de fundamental importância para que o aluno compreenda o espaço e o lugar onde ele vive.</p>
2. Qual o papel do professor no ensino da disciplina de geografia?	
<p>✓ Facilitador em formar cidadãos críticos com entendimento próprio dos acontecimentos relacionados ao mundo moderno, ao homem/natureza para construção de uma sociedade mais justa; ajuda os educando a desvendar o mundo pelo método de análise e investigação.</p> <p>Ponto em comum: levar os alunos a entender as relações espaciais e associar ao seu cotidiano.</p>	<p>✓ Ele é responsável direto para que esta não se torne mais uma “matéria” na grade curricular.</p> <p>✓ O professor ajuda o aluno a entender a relação sociedade-espaço. O mesmo contribui para o desenvolvimento do sendo crítico do aluno.</p>
3. Como você vê a relação professor-aluno no contexto onde você trabalha?	
<p>✓ Ora interativa, ora distante, de amizade e respeito, de conflitos que vão sempre existir porque o professor “manda”.</p> <p>Ponto em comum: desinteresse em alguns momentos dos alunos.</p>	<p>✓ Relação de respeito e coleguismo.</p> <p>✓ É uma relação de respeito e algumas vezes de confiança e amizade.</p>
4. Como deve se caracterizar a relação professor-aluno?	
<p>✓ Amigável, sincera, de reciprocidade, de comprometimento entre professor e aluno para uma escola melhor. Ser amigo até onde não ultrapasse ao respeito e moral.</p> <p>Ponto em comum: respeitosa.</p>	<p>✓ Respeito e coleguismo.</p> <p>✓ Deve sempre haver respeito, compreensão e confiança entre ambos para que o processo ensino-aprendizagem seja satisfatório.</p>
5. Na sua prática pedagógica, qual (quais) equipamento(s)/instrumentos você usa no seu processo de ensino/aprendizagem?	
<p>✓ DVD, Data show, filmes, músicas, slides, charges, revistas, poesia, livro, aula expositiva, internet, exploração de textos, atividades de pesquisa, debate e discussões.</p> <p>Ponto em comum: vídeo</p>	<p>✓ Material didático impresso, mapas, globo, vídeos.</p> <p>✓ Livros, jornais, revistas, documentários, filmes, programas de televisão e internet.</p>
6. Você propõe atividades que instigam a formação da cidadania? De que maneira?	
<p>✓ Trabalho em grupo, exposição teórica do conteúdo fazendo o aluno pensar, construção textual, participação nos eventos promovidos pela escola como palestras, caminhadas em prol de uma causa, projetos, mostra cultural e socialização.</p> <p>Ponto em comum: aquisição do conhecimento teórico.</p>	<p>✓ Sim. Em debates na sala, com a opinião de cada um.</p> <p>✓ Sim. Proponho debates em sala. Peço que os alunos se posicionem a respeito dos temas abordados em sala de aula, que discutam o que consideram certo ou errado e o porquê.</p>
7. Qual o nível de interesse e participação dos seus alunos?	
<p>✓ Apenas uma minoria tem interesse em aprender, principalmente do ensino fundamental, que visam mais obter notas. Resultado de um sistema</p>	<p>✓ Mesmo não atingindo a unanimidade, há um interesse da maioria.</p> <p>✓ Em cada turma tem alunos interessados e</p>

educacional falido. Ponto em comum: maior interesse dos alunos do ensino médio.	participativos, mas a maioria demonstra desinteresse pela disciplina. Isso ocorre principalmente no ensino médio.
8. Em sua opinião, como os alunos veem os assuntos trabalhados e sua aplicação prática como cidadãos?	
✓ Dois responderam ‘contribui com minha vida como cidadãos’. Um respondeu que ‘contribui para ter conhecimento sobre economia, política, meio ambiente, cultura, etc.	✓ Contribui para ter conhecimento sobre economia, política, meio ambiente, cultura, etc. ✓ Não é importante para minha vida, serve só para aprovação no ENEM, contribui para ter conhecimento sobre economia, política, meio ambiente, cultura, etc.
9. Em sua opinião a escola tem responsabilidade de ser um ambiente formador de cidadãos? Justifique sua resposta.	
✓ Sim. É no ambiente escolar onde existe aprendizagem e este pode ser trabalhado. Ponto em comum: interferência política que prejudica o processo de ensino-aprendizagem.	✓ Sim. No entanto, há uma necessidade urgente que essa função da escola seja complementada com a participação familiar dos alunos. ✓ Sim, pois ajuda o educando a compreender o que acontece no mundo e a ter uma opinião crítica a respeito deles fortalecendo o exercício de sua cidadania.

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2014.

5.1.2 Questionário com educando

Será feito uma apresentação das perguntas e respostas como forma de entendimento da visão teórica e sua aplicação prática que o educando da rede pública e da rede particular de ensino possuem do saber geográfico. As palavras postas seguirão conforme exposto no questionário.

Será tabulado ano por ano para se perceber se há um amadurecimento das respostas uma vez que à medida que vão ingressando nos anos seguintes, os conhecimentos deveriam está sendo somadas as novas aprendizagens.

O quantitativo de alunos da rede pública que responderam ao questionário foi de trinta e três alunos, sendo dezoito do nível fundamental e 15 do ensino médio. E da rede particular de ensino por vinte e oito alunos sendo vinte do ensino fundamental e oito do ensino médio.

É importante considerar que na escola pública o questionário foi respondido por alunos de professores de geografia diferentes, onde no ensino fundamental lecionam no turno da manhã e tarde, por exemplo, são quatro professores e no ensino médio são três professores. Já nas escolas privadas é o mesmo professor responsável pelo ensino fundamental regular II e

o mesmo professor responsável pelo ensino médio regular. Esta observação pode ser percebida nas respostas dos alunos muitas vezes totalmente opostas, até do mesmo ano de ensino.

Tabela 03 – Perguntas e respostas do educando sobre o questionário de pesquisa aplicado

Ano	Pública	Particular
	1. Como avalia suas aulas de geografia? Por quê?	
6º	-	✓ Ótimas, legal. Porque nós lemos, o professor explica e depois exercitamos o que aprendemos nas atividades; Gosto da maneira com que o professor explica a matéria; pelo modo como o professor ensina, me dou bem na matéria;
7º	✓ Ótima, boas e importantes, ruim. Porque é educativa; professor tira pontos; professor é chato.	✓ Normal, legais, excelente. Porque é como qualquer uma aula, ele explica tudo; o professor nos deixa dialogar nas aulas, e o diálogo para o entendimento é ótimo ; o professor deixa o assunto fixado na nossas cabeças; o professor faz o máximo para dar uma aula dinâmica; é muito divertido pois todos entendem perfeitamente.
8º	✓ Péssimas. Porque professor não sabe ensinar. ✓ Boa por entender bem.	✓ Ótimas, boas. Porque usa métodos dinâmicos, extrovertido de modo que dá para aprender todo assunto; professor explica muito bem, tem o domínio da classe; exercícios coerentes aos assuntos, o que facilita a fixação.
9º	✓ Boas, criativas, tranquilas e divertidas, pelo modo de ensino do professor; importante, por ensinar a ser um cidadão e reparar o espaço geográfico de outro modo.	✓ Razoável; boas; interessantes; dinâmicas; importantes para termos melhores conceitos sobre o mundo. Porque não é utilizado recursos suficientes para tornar as aulas mais dinâmicas e atrair a atenção dos alunos;
1º	✓ Boas, poderia melhorar razoáveis. Professor não tem dinâmica.	✓ Interessante, fácil de ser compreendida e cada vez mais estimulante. Porque são bem dialogadas, aproveitada até o último minuto; a professora procura explicar de uma forma que todos entendam; é uma aula construtiva e fácil de entender
2º	✓ Boas; de má qualidade. O professor poderia melhorar em relação a explicação correta de conteúdos e fazer revisão de assuntos.	✓ Fundamentais para o entendimento da relação entre os homens e natureza e a própria relação de homens e homens ; aulas que tentam traçar um paralelo de como era determinada coisa antes, agora e as suas projeções;
3º	✓ Regulares, boa. Porque faltam mais exemplificações e trabalhos para a aprendizagem; poderia ser mais construtivas; a professora tem bom conteúdo a ser ensinado. Sinto apenas que ela não consegue nos passar por causa do interesse dos alunos; mal tem aula; explica assuntos do dia-a-dia do que faz parte da matéria de geografia.	✓ Boa. Porque a professora nos mostra um amplo conhecimento sobre a matéria e possui assuntos bastante interessantes.
	2. Quais os recursos e metodologias utilizadas por seus professores nas aulas de geografia?	
6º	-	✓ Perguntas orais, mapas, livros, chama na frente para responder as perguntas.
7º	✓ Aulas de campo, desenho e falatório, apresentações.	✓ Debates; perguntas; apresentações; diálogo (o professor sempre nos mostra o caminho mais fácil por meio da conversa em grupo); ele passa atividades que todos

		possam entender a tarefa; leitura de texto e tira dúvidas; faz atividades e perguntas; aulas expositivas.
8º	✓ Uso de livro e caderno; Aulas de campo e temas utilizados fundamental para nós.	✓ Perguntas orais sobre o assunto; debates; atividades no quadro; leitura do livro; pesquisas; ele gosta de trazer-nos mais informações sobre a matéria, de acordo com suas perguntas.
9º	✓ Seminários, palestras, provas, trabalhos, não usa recursos, pesquisa, livros, mapas, internet, debate.	✓ Livro didático, algumas perguntas feita para a turma e explicação extensa; o professor ler o conteúdo determinado; faz atividades no caderno; pesquisa para entrega, questionários, debates, comparação de fatos atuais como os do passado.
1º	✓ Internet; exposição oral depois passa algum trabalho ou atividade; uso do livro e quadro; seminários.	✓ Quadro onde coloca as partes mais importantes, faz desenhos, utiliza o livro cada detalhe do assunto; utiliza conversas, porém a professora é teórica; faz debates sobre determinados assuntos.
2º	✓ Trabalho, uso do livro e pouca explicação do conteúdo.	✓ Tabelas, gráficos, mapas, reportagens todos aqueles recursos que passam mais próximo da realidade para que possamos compreender o que está sendo explicado. É estudada de forma totalmente abrangentes e neutras, pois são fundamentais as discussões sobre política e religião, desta forma cada aluno passa a refletir e escolher o que seguir.
3º	✓ Só aulas em sala; atividades, elaboração de textos, explicações; livro e aulas orais; escritos e mais escritos.	✓ Leitura do assunto, resolução de atividades, acrescenta vídeos aula para ver em casa; nossos conhecimentos anos anteriores e em jornais que assistimos em casa, como também a internet.
3. A seu ver, como deveriam ser as aulas de geografia?		
6º	-	✓ Bem explicadas com ilustrações do livro, organizadas e muito diálogo sobre o assunto; não deve mudar; gosto quando os professores coloca agente para participar das aulas; usaria mais mapas e vídeos.
7º	✓ Com o prof. conversando menos e dando mais aula; está bom do jeito que está; explicar mais e melhor.	✓ Todo mundo comportado, dar chance para todo mundo ler, participar dos debates do assunto; bem comunicativa; mais aulas ilustrativas, com apresentações de slides, filmes que envolvem o assunto e mais aulas práticas, com apresentações de maquetes, etc. ; trabalhos em grupo, documentários, mapas; utilização de vídeo aulas, atividades com brincadeiras.
8º	✓ Explicativas; com atividades variadas; com aulas ao ar livre para contato com os assuntos tratados;	✓ Aplicadas de uma forma que os alunos entendessem a matéria, mais dinâmica, prática e explicativa; deveria ter mais debates cada um mostrar seu ponto de vista, poderia haver mais pesquisas, algo que prendesse mais o interesse nas aulas; do jeito que estão sendo dadas.
9º	✓ Com palestras, passeios para lugares geográficos, usar mais tecnologias, mais diversificadas como filmes, documentários, vídeos.	✓ Utilizado slides, mapas, cartazes, pesquisas, entrevistas... tudo aquilo que chame a atenção dos alunos para uma aula mais participativa; com menos textos e mais aulas práticas e com mais recursos; com globo maiores; deveria ser de um modo que o professor interaja com o aluno para facilitar a aprendizagem; não tem o que mudar, tem informações tanto regional como de escala global.
1º	✓ Deveria ter aulas teóricas e práticas, com debates, dinâmicas.	✓ Passar vídeo, slides, filme para entender melhor o assunto; aulas de campo; ser mais divertidas, assim mudaria a opinião de algumas pessoas sobre a matéria; as aulas de geografia devem incentivar não só a observação do espaço, mas também a interpretação de fatos e a relação entre eles ; uso de recursos que a tecnologia traz.
2º	✓ Deveria utilizar mais métodos para	✓ Aulas livre e viagens, pois é melhor entender o mundo

	o aluno se interessar na aula, trazer mapas, conversar pra saber o que os alunos entendem, etc.; mais explicativas; mais interativas, participativas; teoria e prática.	de perto e não numa folha de papel que se torna enjoativo; aulas que trouxessem mais opinião sobre o tema estudado, onde não só o professor e o aluno falem, mas pessoas inseridas na realidade do que é estudado também.
3º	✓ Com uso de equipamentos como data show, retroprojeto, aulas de campo; com bastante prática ou seja mais atividades; mais dinâmicas; mais tato com o ambiente.	✓ Deveria ter mais um pouco de descontração, dinâmica envolvendo todos os alunos inclusive os que tem dificuldade na matéria.
4. Como as aulas de geografia podem auxiliar na sua participação na sociedade enquanto cidadão?		
6º	-	✓ Agente aprende sobre mapas, os tipos de mapas, sobre o mundo, tudo isso auxilia na nossa vida; aprendo a preservar a natureza e aprendo sobre os recursos que há nela; aprendo a cuidar do meio ambiente me ajuda a ver o que tem de bom nela; com novos saberes a maneira diferente de ver o mundo; as informações dadas nos gráficos, os mapas são fontes de informação para toda a sociedade, pois nos mantém em sintonia com as mudanças que ocorrem diariamente no território.
7º	✓ Preservando o meio ambiente; nenhuma	✓ No conhecimento das condições climáticas, a importância da fonte de recursos naturais e a necessidade de se preservá-la, entender a relação entre os blocos comerciais e o mundo globalizado ; se por acaso precisar viajar, posso me orientar por exemplo: os pontos cardeais, etc.; na comunicação com o meio ambiente, a sociedade participando das atividades de sua cidade e que tenha um lugar cada vez melhor de se viver; a cuidar mais do nosso planeta e das pessoas que moram nele.
8º	✓ Aprofundar os conhecimentos da região de localização do aluno; não tenho conhecimento; no entendimento da sociedade e natureza.	✓ A pessoa ter um conhecimento mais amplo da situação geográfica de determinada região; ajuda a melhor entender o planeta, assim aprendo a cuidar e respeitá-lo, também me ensina a ter respeito pelas diversas raças, com isso, me ajuda na minha vida como cidadão; pode nos deixar atualizados sobre tudo o que já aconteceu e está acontecendo no mundo todo, como também pode nos auxiliar em diversas ocasiões ocorrentes no nosso dia a dia, pode ser no trabalho, na escola, enfim, em diversos locais, onde seja necessário usá-la; as aulas de geografia podem me auxiliar quando tiver de reivindicar melhorias no transporte, segurança, saúde, entre outros direitos básicos de todo cidadão.
9º	✓ Ensina a se portar e como é a sociedade; desenvolve o conhecimento; sem resposta; ajuda na localização e certeza nos mapas e lugares; pode auxiliar na tecnologia e no dia-a-dia do trabalho; envolver nos projetos do bairro, em ser um cidadão ; em nada.	✓ os conhecimentos adquiridos em sala de aula podem ajudar a passar na faculdade e conseguir um emprego; pode me ajudar a explicar para outras pessoas, além de proporcionar um bom conhecimento sobre minha cidade; abre nossos olhos sobre o mal que todos nós seres humanos fazemos com a natureza; nos tornará uma pessoa mais social de modo que interage com outras pessoas, as respeite; nos ajuda a encontrar nosso lugar na sociedade; contribui para o conhecimento do espaço humano e suas formas de construção e exploração, expansão e ocupação.
1º	✓ Sem resposta; pode dar uma direção nos assuntos de geopolítica e ter mais uma noção como é a sociedade, e como ela funciona ; compreender a visão de algumas pessoas sobre o mundo.	✓ A geografia ajuda com seus cálculos de fusos horário; em relações intercontinentais; ajudam a entender em qual espaço geográfico eu vivo. Entendendo esse espaço, posso conviver melhor como cidadão. Também contribuem através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos,

		habilidades que ampliam a capacidade de jovens e crianças compreender o mundo em que vivem; auxilia a conhecer o espaço geográfico que estamos inseridos, a relação sociedade e natureza.
2º	✓ Ajuda a conhecer melhor a sociedade em nós vivemos e aprendemos sobre os lugares; aprendendo a respeitar a sociedade com suas diferenças e direito de todos; ajudando a nos introduzir a caminho da universidade pois é uma das matérias que caem no ENEM.	✓ Podemos entender que nada neste mundo é transitório e que estamos sempre mudando, descobrimos que como cidadãos temos direitos e deveres; podem me ajudar a fazer escolhas conscientes sobre aqueles que irão governar o lugar onde moro, conhecendo o lugar onde vivo, saberei escolher aquele que busque melhorias, a geografia mostra a realidade para que busquemos melhorá-la.
3º	✓ Em nada; em ver um mundo melhor; sem resposta; de várias formas; muito.	✓ Ela nos mostra um pouco mais o ambiente que nós vivemos e possibilita que a sociedade tenha um ponto de vista diferente de melhoria sobre o ambiente que vive; a escola é uma base, onde aprendemos localização, modo crítico, vemos o estado econômicos, temos étnica, estamos mais cientes do estado em que vivemos e outros lugares.
5. Como as aulas de geografia podem contribuir para sua visão de mundo?		
6º	-	✓ Ensina-nos a cuidar mais do nosso planeta e a manter a minha saúde e da pessoas melhores e a das crianças ainda mais melhores; aprendo a cuidar do planeta; não entendi; as mudanças que ocorrem no mundo diariamente nos alertam para necessidade de proteger as fontes naturais do planeta como por exemplo a água.
7º	✓ Nenhuma; conhecimento da hidrografia.	✓ A geografia estuda território que vive em constante transformação, as aulas completam a nossa aprendizagem, ainda temos muito que aprender, pois quando mais conhecimento mais chance e concorrer ao mercado de trabalho; uma visão cada vez melhor de se ver o mundo evoluir, suas condições, as características do planeta, que tenha vontade de viver mais em sociedade; quando ela me esclarece me torno consciente dos limites geográficos, a importância da natureza para vida humana e organização cultural e étnica no mundo.
8º	✓ Ensinando como o mundo é formado, alterado pelo homem e conhecendo a natureza.	✓ Claro que pode mudar antes de sabermos como as coisas funcionam, pois pensamos de um jeito mas depois de saber como acontece, pensamos de um jeito diferente; como se divide os estados membros, a política, o crescimento populacional, a evolução dos continentes, economia nacional e internacional...; em relação ao meio ambiente, pois se não houvesse tanto desmatamento, as pessoas soubessem respeitá-lo, ou pelo menos tivesse uma noção a respeito disso, talvez nosso planeta não estivesse sofrendo tanto;
9º	✓ De uma forma mais inteligente; mundo melhor em tudo; futuro na sociedade; não poluir o meio ambiente; sem resposta; conhecimento de mundo; explicando como é a sociedade.	✓ Permite que o homem conheça melhor o espaço e o mundo em que vive; mostra o mundo com um todo; é ótimo saber onde você está em um mapa e saber que você também faz parte do mundo; aprendo sobre cada país; da uma visão mais ampla sobre o planeta em que vivemos, nos fazendo tomar atitudes no futuro para pelo menos ajudar a melhorar as condições de vida na face da terra.
1º	✓ A identificar os lugares, saber o que é latitude, longitude, saber os estados, municípios; em tudo porque trata desde política, até solo, temperatura, conhecimento no geral; explica como	✓ Informa que tem locais de mundo que é mais pobre que outros o qual devemos viver e sempre lembrar deles antes de reclamar sobre algo; a entender a interação humana na sociedade, motivos para tal país ser pobre. Ajuda no entendimento do fenômeno

	<p>é a sociedade; ajuda a entender e praticar os aspectos geográficos existentes no mundo; contribuindo com o meio ambiente.</p>	<p>climáticos e físicos do planeta, localização de locais como rios, mares e países; a geografia ajuda a ter uma visão de como é o mundo, digamos que é um olhar geográfico; com uma visão mais ampla sobre a sociedade.</p>
2º	<p>✓ Sem resposta; fazendo que venhamos a conhecer nosso planeta nossas origens; saber sobre os locais, com suas qualidades e defeitos, sobre o governo, como foram feitas as cidades, passa a ter conhecimento onde você está vivendo; ajudando o meio ambiente.</p>	<p>✓ Sendo uma disciplina abrangente estudamos diversos temas e entendemos a ligação entre eles. Isto nos ajuda a ter noção de mundo e a nossa participação nele; posso ver que o mundo ainda é muito desigual, e os que são atingidos negativamente por isso, não tem o apoio necessário para que sejam tratados de maneira mais justa e igualitária.</p>
3º	<p>✓ De varias formas, nos tornando pessoas civilizadas e entendidas; o que está acontecendo no dia-a-dia da sociedade, como estão divididas e saber cada vez mais a respeito do nosso Brasil; as estatísticas sobre tudo nos é ensinado. Sendo assim, temos uma visão bem real sobre como realmente está o mundo; podemos identificar aspectos da terra e do meio em que vive; no cuidado com o planeta.</p>	<p>✓ Com esclarecimento dos problemas mundiais e mostrando soluções para que as pessoas tenham possibilidade de melhorar o mundo; criaremos um novo campo de conhecimento geográfico (econômico, político e ético).</p>

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2014.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia é um saber que se mostra a cada dia mais importante no entendimento do papel do homem no espaço e suas possibilidades de atuação para transformá-lo. A respeito disso pode-se considerar que a geografia é ou pelo menos deveria ser considerada uma das mais importantes ciências escolar. Conforme a professora Ana Fani A. Carlos (2011), a condição humana é por excelência uma condição espacial, revelando-se deste modo a importância da Geografia para o entendimento do Homem no mundo já que todas as ações humanas se dão no e a partir do espaço.

Como ciência escolar presente em todo o currículo da educação básica, assume grande importância pela pluralidade de enfoques no tratamento da espacialidade, integra contribuições de todos os campos do saber, na contribuição para construção e prática da cidadania. Contudo, a sua execução prática nas escolas principalmente na escola pública conforme observado nas respostas dos questionários aplicados, ainda é um grande desafio a ser enfrentado e superado pelos educadores.

O ensino tradicional ainda é uma realidade nas escolas passando a imagem de uma ciência enfadonha, descritiva, onde o professor é o detentor do conhecimento e o aluno apenas aprende sem reflexões, onde deveria acontecer do educador ser agente motivador do pensar, construindo e decifrando juntamente com o educando as relações sociedade/espaço.

Pelas respostas do educando aos questionários principalmente das escolas particulares, esse caminho de amadurecimento e crescimento para observar, saber que existe e entender as relações citadas anteriormente já estão sendo traçados. É evidente que no ensino público há uma necessária e urgente renovação do sistema que vai dos órgãos públicos por meio de planos de investimento na infraestrutura escolar, nos que compõe o corpo escolar inclusive aqueles que tratam diretamente com o educando que é o educador. Os educadores também devem assumir na prática, o discurso de uma geografia comprometida e engajada com o entendimento juntamente com o educando das relações, produção e transformação do espaço geográfico para isso usando todos os recursos, meios contemporâneos para tornar seus encontros dinâmicos como tanto educando citaram e a cada dia desafiadores no desejo de querer mais pensar o espaço e suas múltiplas relações. É preciso que este educando tenha este comprometimento com o desejo do saber, do crescer em conhecimento, de renovação constante deste em detrimento de um anterior. Esse é o processo para formação de cidadãos conscientes, críticos, atentos as relações sociais, que sabe seus direitos e deveres sociais e

buscam conforme a geografia crítica, uma sociedade mais justa e igualitária, menos manipuladora dos detentores do poder e do saber.

É necessária uma geografia que tenha um conhecimento que una e não separe, um conhecimento que sirva para a emancipação humana e que como ligada as práticas sociais, busque acompanhar as transformações e contribuir para reflexões de uma teoria para o e do homem e não de sua opressão (PORTO GONÇALVES, 1981) não só pela ciência acadêmica, mas também pela geografia escolar em todos os seus âmbitos, garantindo assim um ensino de qualidade desafiador, motivador e envolvido com o objeto de estudo da geografia – o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, G. de. **O desafio da interação teoria e prática no ensino de geografia do primeiro segmento**. Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre-RS: 2010.
- ALVES, Ana Paula Aparecida Ferreira. **Geografia ensinada – Geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná**. Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, p. 49-60. Florianópolis, maio de 2009.
- ANDRADE, M. C. de. **Caminho e descaminhos da geografia**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- ANDRADE, M. C. de. **Caminho e descaminhos da geografia**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. In: FURIM, A. F. R. **O ensino da Geografia Física no Ensino Médio: qual o seu lugar?** São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Marques Camargo Marangoni.
- ANDRADE, M. C. de. **A geografia e sua contribuição ao planejamento regional e à formação do economista**. Revista Economia política do desenvolvimento. Maceió, vol. 3, Edição Especial, p. 45-55, ago. 2010.
- ANDRADE, M. C. de. **Geografia ciência da sociedade**. 2ª ed. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 246p.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL, MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITO, Franklyn Barbosa de; PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Da origem da geografia crítica a geografia crítica escolar**. 10º Encontro Nacional da Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Geografia brasileira, dentro e fora da sala de aula: uma ciência em construção. Campinas-SP. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orientadora: CAMARGO, Dulce Maria Pompeo de. In: PINHEIRO, Antônio Carlos. **Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia no Brasil 1972-2000**. Campinas-SP, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Prof. Dr. Archimedes Perez Filho.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação. São Paulo: 2003. 6 (2), p.221-236.
- CHRISTOPOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DEFEL, 1985.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares**. Revista GEOMAE. Paraná: v.1 n.2, p. 25 – 56, 2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. In: BECKER, Alexandre. **A concepção de educação de Paulo Freire e o desenvolvimento sustentável**. Curitiba-PR, 2008. Dissertação (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento). Centro Universitário Franciscano. Orientador: Prof. Dr. Osmar Ponchirolli.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 2005. In: NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia M. M. **Educação geográfica e formação da consciência espacial cidadã no ensino fundamental: sujeitos, saberes e práticas**. ENPEG 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994. In: SOUTO, Roseli Aparecida. **Indisciplina na sala de aula: Dificuldade de Aprendizagem ou Desinteresse do Aluno?** São Paulo, 2013.

FERREIRA, C. F. T. F.; ALVES, S. F. A. O ensino de Geografia escolar e currículos identitários: um estudo teórico de suas relações. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2009, Goiânia. Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2009.

GOMES, D. M. **A Geografia ensinada: mudanças e continuidades do conhecimento geográfico escolar (1960-1989)**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. 127p.

GONZAGA, A. M. Pesquisa em Educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: GHEDIN, E. (Org). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HIROTA, Selma Fernandes Vieira. **A influência das correntes históricas do pensamento geográfico: geografia tradicional e geografia crítica no ensino da geografia**. Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual de Goiás. Morrinhos, 2008. 46f.

IRIAS, F. D. **A dicotomia sociedade-natureza: a crise de percepção no espaço moderno**. Texto iniciação científica. Programa Especial de Treinamento (PET). Disponível em: <http://www.lead.uerj.br/VICBG-2004/Eixo3/E3_141.htm>. Acesso em 14 de fev. 2005.

JÚNIOR, D. M. de A. Michel Foucault ou como nos tornamos sujeitos. In: **A Identidade Cultural na pós-modernidade: Identidade em questão**. Revista educação. Especial biblioteca do professor. São Paulo: Stuar Hall.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e Utopias no Ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Org.) Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB, Seção porto Alegre, 2003. In: OLIVEIRA, M. L. T. de. **O**

ensino da geografia na contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre: 2009.

KOSEL, S. Produção e reprodução do espaço na escola: uso da maquete ambiental, 1999. In: NITSCHKE, J. C. V. **Espaço... realmente é o objeto de estudo da Geografia?** Publicado pela Universidade Federal do Paraná – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 2001, p. 33-41. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/exatas/article/viewFile/753/669>>. Acesso em: 26 de jun. 2014.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra** (edição francesa de 1985). Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Editora Papirus, 1988.

LANDIM NETO, F. O. **O Ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia.** Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10>>. Acesso em 03 de abr. 2014.

LEMOS, F. R. M. **Indivíduo, conhecimento, realidade e ensino e aprendizagem em Celestin Freinet e Paulo Freire.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 - Abril de 2010. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd143/ensino-e-aprendizagem-em-celestin-freinet-e-paulo-freire.htm>>. Acesso em 28 de mai.2014.

MAGNOLI, Demétrio. **Geografia para o ensino médio.** Coleção v. 1,2,3. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARQUES, V. **Reflexões sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental.** 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo. Rio Claro: 2008.

MARTINS, Dadá; BIGOTTO, Francisco; VITIELLO, Márcio. **Geografia: Sociedade e Cotidiano.** Coleção geografia sociedade e cotidiano. 4º edição. São Paulo: Escala EDUCACIONAL, 2012.

MEISTER, Izabel Patrícia. **Resenha da obra “Homo zappiens: educando na era digital” de Wim Veen e Ben Vrakking.** Revista digital de tecnologias cognitivas. Nº 3. São Paulo: 2010.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, A. C. R. de. **Geografia: pequena história crítica.** 20 ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 48 p.

MOURA, R. do et al. **Geografia crítica: legado histórico ou abordagem recorrente?** Revista Bibliográfica de Geografia Y Ciências Sociales (Serie documental de Geo Crítica). Universidad de Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-786.htm>>. Acesso em 25 de jun. 2014.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** 20º ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos – novos desafios e como chegar lá**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2009.

MORMUL, N.M.; ROCHA, M. M. **Breves considerações acerca do pensamento geográfico: elementos para análise**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 3, set./ dez. 2013. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/geografia/article/viewFile/7916/pdf>>. Acesso em: 04 de ago. 2014.

NITSCHKE, J. C. V. **Espaço... realmente é o objeto de estudo da Geografia?** Publicado pela Universidade Federal do Paraná – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 2001, p. 33-41. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/exatas/article/viewFile/753/669>>. Acesso em: 26 de jun. 2014.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia M. M. **Educação geográfica e formação da consciência espacial cidadã no ensino fundamental: sujeitos, saberes e práticas**. ENPEG 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, M. L. T. de. **O ensino da geografia na contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre: 2009.

PEREIRA, E. M. A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 153-181.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia no Brasil - 1972-2000**. Campinas-SP. 2003. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Pr. Dr. Archimedes Perez Filho.

PONTUSCHKA, N.N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A.F.A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**, 1999. In: MARQUES, V. **Reflexões sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental**. 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo. Rio Claro: 2008.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia está em crise: viva a geografia. In: Moreira, Ruy (org.). **Geografia, Teoria e Crítica. O saber posto em questão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

RAASCH, L. **A motivação do aluno para a aprendizagem**. Espírito Santo: Faculdade de Nova Venécia. Disponível em: <<http://www.educacaoparavida.com/resources/A%20MOTIVAO%20DO%20ALUNO%20PARA%20A%20APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em 04 de abr. 2014.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O trabalho geográfico no terceiro mundo**. Tradução de Sandra Lencione. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1991.

RIBEIRO, Márcio Willyans. **Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil**. Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 34, p. 817-834, set./dez. 2011.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo II geografia**. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007. 136p.

SAVIANI, Nereide. **A conversão do conhecimento científico em saber escolar: uma luta inglória?** Revista do SINPEEM. Nº 2. São Paulo, 1995 – pp. 27-32.

SEEMANN, Jörn. **Mercator e os geógrafos: em busca de uma “projeção” do mundo**. Revista de Geografia da UFC. Crato - CE, ano 02, nº 03, p. 7-18, 2003. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/159/127>>. Acesso em 04 de ago. 2014.

SHIMIEGUEL, A. N. **Sistemas Econômicos de Governo e suas implicações nas relações de trabalho**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2009_ufpr_geografia_artigo_angelita_nehls_schimieguel.pdf>. Acesso em 14 de jul. 2014.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis, SC. Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf>. Acesso em 03 de jun. 2014.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: Natureza, Capital e a produção do espaço**, 1988. In: COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares**. Revista GEOMAE. Paraná: v.1 n.2, p. 25 – 56, 2010.

SOUTO, Roseli Aparecida. **Indisciplina na sala de aula: Dificuldade de Aprendizagem ou Desinteresse do Aluno?** São Paulo, 2013.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: O desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**, 2004. In: OLIVEIRA, Maria Luíza Tavares de. **Ensino de Geografia na Contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado**. Terra livre, São Paulo, v.1, n.18, p. 95-114, jan/jun. 2002.

TOMASONI, Marco Antônio. **Considerações Sobre a Abordagem da Natureza na Geografia**. In: SANTOS, Jémison Mattos dos. Et al (Org.). **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**, 2004. In: OLIVEIRA, Maria Luíza Tavares de. **Ensino de Geografia na**

Contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

VLACH, V. R. F. Algumas reflexões atinentes ao livro didático de Geografia de primeiro grau, 1988. In: GOMES, D. M. **A Geografia ensinada: mudanças e continuidades do conhecimento geográfico escolar (1960-1989)**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2010. 127p.

VLACH, Vânia. **Geografia e m construção.** Belo Horizonte – MG: Ed. Lê, 1991.

VAZ, Henrique C. de Lima. Ética kantiana. Escritos de Filosofia IV: Introdução à ética Filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999. In: SOUTO, Roseli Aparecida. **Indisciplina na sala de aula: Dificuldade de Aprendizagem ou Desinteresse do Aluno?** São Paulo, 2013.

VECENTINI, José William (org.). **O ensino de geografia no século XXI.** 3ª Ed. Campinas – São Paulo: Papirus, 2004.

VESENTINI, J. W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI.** São Paulo: Plêiade, 2009. 161 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA APLICADO AOS PROFESSORES

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA APLICADO AOS ALUNOS

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
 PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Caro (a) professor (a),

Este questionário visa levantar dados para a pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba.

A pesquisa intitulada “CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO DE ENSINO” visa analisar a geografia no contexto aplicabilidade da cidadania junto aos alunos da escola básica.

Sua participação é voluntária.

Desde já agradeço a sua colaboração.

1. Para você, qual a importância da disciplina da geografia na educação básica?

2. Qual o papel do professor no ensino da disciplina de geografia?

3. Como você vê a relação professor-aluno no contexto onde você trabalha?

4. Como deve se caracterizar a relação professor-aluno?

5. Na sua prática pedagógica, qual (quais) equipamento(s)/instrumentos você usa no seu processo de ensino/aprendizagem?

6. Vocês propõem atividades que instigam a formação da cidadania? De que maneira?

7. Qual o nível de interesse e participação dos seus alunos?

8. Na sua opinião, como seus alunos veem os assuntos trabalhados e sua aplicação prática como cidadãos?

() não é importante para minha vida () serve só para decorar para provas () serve só para aprovação no ENEM () contribui com minha vida como cidadão () usa os assuntos trabalhados tendo um posicionamento crítico sobre economia, política, meio ambiente, cultura, transformações sociais, entre outros assuntos.

9. Em sua opinião a escola tem a responsabilidade de ser um ambiente formador de cidadãos? Justifique sua resposta.

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Caro (a) aluno (a),

Este questionário visa levantar dados para a pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba.

A pesquisa intitulada “CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO DE ENSINO” visa analisar a geografia no contexto aplicabilidade da cidadania junto aos alunos da escola básica.

Sua participação é voluntária.

Desde já agradeço a sua colaboração.

1. Como avalia suas aulas de geografia? Por quê?

2. Quais os recursos e metodologias utilizadas por seus professores nas aulas de geografia?

3. A seu ver, como deveriam ser as aulas de geografia?

4. Como as aulas de geografia podem auxiliar na sua participação na sociedade enquanto cidadão?

5. Como as aulas de geografia podem contribuir para sua visão de mundo?

Muito Obrigada!

ANEXO

ANEXO I – REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DAS ESCOLAS OBJETO DE ESTUDO
DESTA PESQUISA

ANEXO I
REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DAS ESCOLAS OBJETO
DE ESTUDO DESTE TRABALHO

Foto 01 – Fachada dos blocos 2 e 3 - CPDAC Foto 02 – Vista da entrada principal do CPDAC



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014.



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014.

Foto 03 - Vista ginásio esportivo do CPDAC Foto 04 – Vista da ocupação de todo quarteirão



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014

Foto 05 – Fachada da entrada da escola IENSC Foto 06 – Fachada lateral do prédio



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014

Foto 05 – Fachada da frente da escola IPI



Fonte: Arquivo pessoal – Ago./2014